

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Natacha da Silva Tavares

A AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS DE VIAMÃO/RS

Porto Alegre

2013

Natacha da Silva Tavares

A AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS DE VIAMÃO/RS

Monografia apresentada à escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito para a conclusão do curso de Graduação em Educação Física.

Prof^a Orientadora: Denise Grosso da Fonseca

Porto Alegre

2013

Natacha da Silva Tavares

A AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS DE VIAMÃO/RS

Conceito Final:

Aprovado emde.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof.....- UFRGS

Orientadora: Prof.^a Dra Denise Grosso da Fonseca

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora Denise Grosso da Fonseca, que sempre acreditou em minha capacidade de realizar este estudo, que esteve constantemente presente em todas as etapas de realização deste trabalho. Agradeço à minha orientadora pelo apoio e pela paciência.

Gostaria de agradecer também as escolas e professoras colaboradoras do estudo, que sempre se mostraram dispostas e atenciosas.

Agradeço aos integrantes do Grupo de Pesquisa F3P-efice que auxiliaram nesta caminhada, esclarecendo dúvidas, dando apoio e incentivo.

Agradeço a todos os professores que foram significativos neste percurso, ao possibilitarem momentos de reflexão, debates, enfim que de alguma forma foram relevantes na construção do meu conhecimento e da minha identidade docente.

Agradeço aos meus amigos e familiares que auxiliaram de alguma forma neste momento, assumindo algumas de minhas tarefas para que eu pudesse me dedicar a este estudo; e aos que participaram efetivamente na construção do mesmo, questionando minhas redações, sugerindo autores, etc.

Agradeço principalmente à minha mãe Cláudia Rejane, ao meu pai Odir Tavares e ao meu namorado, sempre companheiro, Gustavo de Castro, por acreditarem em meu potencial, por incentivarem o meu melhor e por nunca me deixarem desistir.

*Dos nossos medos
Nascem nossas coragens,
E em nossas dúvidas,
Vivem as nossas certezas.*

*Os sonhos anunciam
Outra realidade possível
E os delírios outra razão.*

*Nos descaminhos
Esperam-nos surpresas,
Porque é preciso perder-se
Para voltar a encontrar-se.*

Eduardo Galeano

RESUMO

Apesar dos avanços nas discussões acerca da avaliação, com o intuito de romper com práticas tradicionais, ainda se percebe um distanciamento entre a teorização e as formas de realização do processo avaliativo nas escolas. Nesta perspectiva esta pesquisa foi realizada com o propósito de compreender as concepções de avaliação subjacentes à prática pedagógica dos professores de Educação Física de escolas de Viamão/RS, bem como conhecer os instrumentos e critérios utilizados pelos professores de Educação Física, interlocutores deste estudo. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, realizado através de análise de documentos, entrevistas semiestruturadas e observações. Foi possível identificar que os instrumentos utilizados na avaliação das aulas de Educação Física, são variados e parecem atender as dimensões procedimental, conceitual e atitudinal. A análise possibilitou constatar que a prática pedagógica e avaliativa das professoras transita entre distintas concepções. Porém, esta análise também evidencia que não há uma intencionalidade pedagógica, a orientar o processo de ensino-aprendizagem-avaliação desenvolvido pelas docentes.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Avaliação. Avaliação em Educação Física.

RESUMEN

Hay, en estos días, avances en las discusiones acerca de la evaluación, con el propósito de romper con las prácticas tradicionales. Sin embargo, es posible, hallar una brecha entre la teoría y las realizaciones del proceso de evaluación en las escuelas. Así, esta investigación se realizó con la intención de comprender los conceptos de evaluación que están subyacentes en la práctica pedagógica de los docentes de Educación Física de las escuelas de la ciudad de Viamão/RS y conocer las herramientas y criterios utilizados por estos docentes. Se trata de un estudio cualitativo, realizado a través del análisis de documentos, entrevistas semi-estructuradas y observaciones. Fue posible identificar que los instrumentos utilizados, en la evaluación en las clases de educación física, son variados y parecen relacionarse con las dimensiones “procedimentais”, conceptuales y actitudinales. El análisis ha permitido ver que la práctica pedagógica de los docentes y los movimientos de evaluación están permeados de diferentes concepciones. Sin embargo, el análisis también muestra que no hay una intención pedagógica para orientar el proceso de enseñanza-aprendizaje-evaluación de las docentes.

Palabras-clave: Educación Física en la escuela. Evaluación. Evaluación en Educación Física.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DESENVOLVIMENTO	11
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1.1 Educação Física Escolar.....	11
2.1.2 Avaliação.....	14
2.1.3 Avaliação Em Educação Física Escolar	16
2.2 DECISÕES METODOLÓGICAS.....	18
2.2.1 Escolha Pela Pesquisa Qualitativa.....	18
2.2.2 Participantes da Pesquisa	18
2.2.3 Processo de Coleta das Informações	20
2.2.4 Validez Interpretativa e Cuidados Éticos.....	21
2.2.5 Processo de Análise das Informações	22
2.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	22
2.3.1 Concepção Pedagógica	22
2.3.2 Concepção de Avaliação	30
2.3.3 Instrumentos e Critérios	37
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
4. REFERÊNCIAS	47
5. APÊNDICES	52
5.1 ROTEIRO ENTREVISTA	52
5.2 CARTA DE APRESENTAÇÃO	53
5.3 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	54
5.4 CARTA DE AUTORIZAÇÃO ESCOLA	56
5.5 DIÁRIO DE CAMPO ESCOLA 1	57

5.6 DIÁRIO DE CAMPO ESCOLA 2.....	62
5.7 ENTREVISTA PROFESSORA A	65
5.8 ENTREVISTA PROFESSORA B	69
6. ANEXOS	74
6.1 PROVA 1 ESCOLA 1	74
6.2 PROVA 2 ESCOLA 1	75
6.3 PROVÃO ÁREA CÓDIGOS E LINGUAGENS ESCOLA 2.....	76

1. INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a compreender as concepções de avaliação subjacentes à prática pedagógica de professores de educação física de escolas de Viamão. O interesse por este assunto surgiu ao ouvir, durante as atividades com uma turma juvenil, relatos de vários alunos sobre as avaliações nas aulas de EFI em suas escolas. A partir dessas exposições, foi possível perceber diferentes modos de realização das avaliações nos diferentes contextos vivenciados pelos alunos, sendo que alguns frequentavam escolas públicas e outras escolas privadas. As falas dos alunos indicaram que em algumas escolas o único critério de avaliação seria a presença e que em outras predominavam testes físicos que não se relacionavam com os conteúdos abordados ao longo do trimestre. Tais questões instigaram a realização de uma pesquisa envolvendo escolas públicas e privadas, no entanto, o fato de todas as escolas privadas do município, que foram contatadas, não terem apresentado interesse em participar do estudo nos levou a reformular nosso campo de investigação. Considerando que a nossa intenção não era de comparar a avaliação nas escolas públicas e nas escolas privadas e sim compreender como o processo avaliativo vem sendo realizado em diferentes contextos, o foco da pesquisa se dirigiu para escolas públicas municipais e estaduais, retomando o objetivo de “compreender as concepções de avaliação subjacentes à prática pedagógica dos professores de Educação Física de escolas de Viamão/RS”.

O parecer do desempenho dos educandos tem se modificado no decorrer dos anos em função das mudanças estruturais na sociedade (BRATIFISCHE, 2003) e, neste cenário, destacam-se diferentes modelos de ensino e de avaliação. Na metodologia tradicional, a avaliação destina-se a selecionar e rotular os alunos a partir de critérios quantitativos, sendo feita somente no final de um período predeterminado pela instituição, constituindo-se num momento terminal, visto que não oferece elementos para ajudar no processo de aprendizagem do aluno. Na concepção formativa, a avaliação é concebida como instrumento fornecedor de informações significativas para o desenvolvimento do estudante e deve ser realizada ao longo do processo e não apenas no final de alguma etapa (DINIZ e AMARAL, 2009). Avaliar em tal perspectiva é “reconhecer, diagnosticar, desenvolver e

valorizar a expressão individual, a cultura própria e a manifestação de afetividade, como um meio para a aprendizagem e formação integral do educando” (BRATIFISCHE, 2003, p.21).

Apesar dos avanços nas discussões acerca dessa temática e das orientações da Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional (LDB, 1996) indicando que a “avaliação deve ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (1996, Art. 24, parágrafo 5º), ainda hoje as estratégias adotadas na maioria das escolas tem base nas medições e aferição de valores de forma classificatória, na qual prevalecem os aspectos quantitativos aos qualitativos. Desta forma, surge o interesse em investigar o processo avaliativo nas escolas de Viamão para entender como elas ocorrem e em que concepções se sustentam.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 Educação Física Escolar

Nos últimos anos, a área da Educação Física tem procurado criar estratégias e apresentar novas formas reflexivas do entendimento e da aplicação dessa disciplina na escola (Oliveira, 1997); no entanto, Bracht (2007) e Oliveira (1997) indicam que muitos professores que atuam na área escolar se encontram despreparados, com diversas dúvidas sobre o que e como ensinar, e com dificuldade de se adaptar aos novos métodos de ensino. Acreditamos que para compreendermos estas questões, antes de tudo, devemos entender o que é Educação Física Escolar, suas funções e seus objetivos.

A revisão de literatura realizada para tentar esclarecer estas questões indica que muitos autores discutem conceito, objetivos e funções como sinônimos, dificultando a elaboração destas definições num contexto mais atual. Buscando entender e refletir sobre estas formulações, trago as ideias de alguns autores que se

dedicaram a estudar este tema e um pouco do que a legislação apresenta sobre o espaço e as funções da Educação Física.

A partir do Decreto n. 69.450, de 1971, considerou-se a Educação Física como “a atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando”. Na década de 80 os efeitos desse modelo começaram a ser contestados e o enfoque passou a ser o desenvolvimento psicomotor do aluno. Na LDB Artigo 26 parágrafo 3º (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996) a Educação Física aparece como componente curricular obrigatório, integrada a proposta pedagógica da escola.

O que é Educação Física?

Educação Física não é um fato em si, algo dado, pronto, acabado. As diferentes práticas sociais, em diversos momentos históricos, gestaram significados distintos para este tema; sua prática social não é neutra, e sim condicionada pela ideologia do núcleo em que ocorre (KOLYNIK FILHO, 1996). Para Oliveira (1987, p. 106) a Educação Física é transmissora e transformadora de cultura, e “é Educação, na medida em que reconhece o homem como o arquiteto de si mesmo e da construção de uma sociedade melhor e mais humana”. O Coletivo de Autores (1992, p.50) considera que a “Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito da escola, tematiza formas de atividades expressivas corporais” desenvolvendo conteúdos da área de conhecimento da cultura corporal. Resende e Soares (1997, p.28) entendem que a compreensão e a reflexão sobre essa cultura corporal deve surgir através da construção da cidadania dos indivíduos. Kolyniak Filho (1996) sugere que todos nós, em diferentes escalas, continuamos construindo um significado para a Educação Física.

Quais os objetivos da Educação Física?

Kolyniak Filho (1996) e Oliveira (1996) observam que a grande variedade de concepções sobre educação e abordagens pedagógicas em Educação Física tem dificultado o estabelecimento dos objetivos para esta disciplina. Entendo que não se trate de dificuldade em traçar objetivos e sim de encontrar uma diversidade de finalidades para o ensino da educação física na escola, em consonância com as

diferentes abordagens: Psicomotricidade, Desenvolvimentista, Construtivista Interacionista, Crítico-Superadora, Crítico Emancipatória, Saúde renovada e Parâmetros Curriculares Nacionais (DARIDO, 2005). Mas nesse sentido há autores que apresentam algumas metas que julgam relevantes, são as seguintes: a interação e socialização entre os alunos, visando uma vida saudável (BALBÉ, 2008); a promoção da saúde, a aprendizagem esportiva e a recreação (PALMA e VIEIRA, 2008); os jogos desportivos tradicionais e as lutas numa perspectiva histórica e antropológica, de forma crítica (GHIRALDELLI JUNIOR, 1988). Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997) indicam que nas aulas de Educação Física deva-se considerar o aluno como um todo, não apenas no âmbito motor. Sendo assim, o processo de ensino e aprendizagem não deve se restringir ao simples exercício de habilidades e destrezas, e sim capacitar o aluno a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada, participando de atividades corporais, adotando atitudes de respeito mútuo, conhecendo e valorizando as mais diversas manifestações da cultura corporal, adotando hábitos saudáveis, sendo capaz de solucionar problemas da ordem corporal em diferentes contextos; podendo organizar e interferir no espaço de forma autônoma.

As Lições do Rio Grande (p. 99) apresentam como objetivo da Educação Física escolar:

“desenvolver competências que levem os alunos a, por exemplo, compreenderem os jogos motores como manifestações culturais produzidas pelos grupos sociais em certos períodos históricos; a lerem os esportes com base nos critérios de lógica interna e externa; a produzirem textos de “carne e osso” e “caneta e lápis” sobre as relações possíveis entre esporte, saúde e educação; a proporem alternativas para o desenvolvimento de práticas corporais no tempo livre que privilegiem a participação de todos, entre tantas outras possibilidades de ler, escrever e resolver problemas no âmbito da Educação Física”.

Podemos perceber que as Lições do Rio Grande e os PCN's apresentam alguns aspectos em comum quanto aos objetivos a serem atingidos nas aulas de Educação Física, no entanto os PCN's sugerem alguns objetivos para a Educação Física escolar com preocupação na formação dos alunos em sujeitos críticos, focando nas possibilidades desta disciplina no ambiente escolar, promovendo o

princípio da inclusão, por meio de vivências que problematizem criticamente os conteúdos de jogos, esportes, danças. Os PCN's traçaram esses objetivos pautados em diferentes abordagens pedagógicas. Já as Lições do Rio Grande tem os seus objetivos estabelecidos pela perspectiva dos Estudos Culturais, tendo enfoque na problematização da cultura, com ênfase no seu significado político. Na área da Educação Física buscam a compreensão dos jogos, esportes, expressões corporais através de sua cultura, de seu contexto histórico, político e social. Esses aspectos podem ser ilustrados com alguns objetivos apresentados na unidade sugerida para desenvolver os jogos: "Ler os jogos motores como manifestações culturais produzidas por diferentes grupos sociais em determinados períodos históricos" (p.101).

Quais as funções da Educação Física?

As funções desta disciplina são de ação direta sobre o físico, mas seus benefícios extrapolam o corporal, pois estas atribuições não se esgotam no relacionamento com o indivíduo, deve-se levar em consideração o contexto no qual este está inserido (OLIVEIRA, 1987). As aulas de EF devem ser um ambiente de reflexão, no qual a riqueza cultural se estabeleça como trampolim para a crítica (GHIRALDELLI JUNIOR, 1988), oportunidade para a formação do homem consciente (OLIVEIRA, 1987). Alguns autores trazem ainda uma finalidade mais voltada para a questão da saúde, Farias (2008) considera que o principal papel da Educação Física escolar é promover a aquisição de hábitos saudáveis e gosto pela prática regular de exercícios físicos. É possível notar, através desse prevê revisão, que assim como são estabelecidos diferentes objetivos para a Educação Física escolar também são muitas as funções destinadas a ela.

2.1.2 Avaliação

A avaliação é empregada como ponto de identificação de qualidade em diversos tipos de atividades; por isso, é fundamental que sua concepção seja clara, propiciando que a aprendizagem cumpra com sua missão primordial, que é levar o ser humano a perceber as condições pessoais e profissionais de que é detentor, visando seu bom desempenho. Para que a avaliação e a aprendizagem possam

atuar em sintonia, é necessário um trabalho de desmitificação da sua função, tanto no meio social quanto no escolar (BOTH, 2011).

Penna Firme (1994) apresenta quatro gerações de prática avaliativa. A primeira é associada à mensuração, na qual eram utilizados instrumentos e testes para verificar o rendimento escolar; a segunda focava numa avaliação mais descritiva, pois tinha como meta principal analisar os objetivos alcançados pelos alunos dentro dos programas escolares, ficando o professor responsável principalmente por descrever padrões e critérios. Por volta de 1971 surge uma terceira geração com o objetivo de “retroalimentação” (SOUZA, 1986 e PENNA FIRME, 1994), pois foi constatado que o fato de a avaliação ser realizada no fim do processo impossibilitava correções necessárias para atingir os objetivos; assim, essa nova geração é caracterizada pelo julgamento, onde o professor passa a assumir um papel de “juiz” (PENNA FIRME, 1994). No início da década de noventa surge a quarta geração, na qual o consenso é buscado entre pessoas de valores diferentes, caracterizada pela participação na escolha do que deve ser avaliado; essa geração é fundamentada num modelo construtivista e nomeada, pela autora, de negociação.

Apesar de percebermos, nesse histórico apresentado por Penna Firme, que o processo avaliativo vem passando por evoluções e adequações, estudos indicam que ainda hoje, em algumas escolas, é possível encontrar práticas avaliativas características de uma concepção tradicional. Sendo assim, atualmente, coexistem, no universo escolar, diferentes concepções e modos de realização da avaliação.

A avaliação classificatória é herança do ensino tradicional em que a metodologia de ensino é centrada na reprodução de uma técnica/conteúdo e na aquisição de habilidades, de modo que há ênfase no ‘fazer’ ditado pelo professor e não no conhecimento construído pelos estudantes (MENEGHEL e KREISCH, 2009). Com isso, não há processo de reconstrução do saber, mas sim a preocupação em fazer o que está previsto nas unidades. Meneghel e Kreisch (2009) sugerem que à medida que o professor tira o foco da transmissão de conteúdos e avança em estratégias que promovam a aquisição de conhecimentos (de forma que, paulatinamente, os estudantes desenvolvam mecanismos para busca e reflexão sobre informações e se mostrem capazes de lhes atribuir significados diversos), a avaliação passa a ter outros objetivos, adquirindo um caráter de diagnóstico.

Hadji (2001) acredita que o diagnóstico é essencial para chegar a uma avaliação emancipatória que tenha por objetivo possibilitar a construção ou o aperfeiçoamento do saber. É importante no sentido de que a entendamos vinculada a uma prática educacional necessária para que se saiba como se está enquanto aluno, professor e conjunto da Escola; o que já se conseguiu avançar, como se vai vencer o que não foi superado e como essa prática será mobilizadora para os educandos, para os docentes e para os pais. Assim, a avaliação emancipatória é caracterizada pelo processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, com o intuito de transformá-la. (SAUL, 1994).

A avaliação formativa ou mediadora visa fornecer aos alunos um retorno sobre seus progressos, considerando tarefas feitas em diversos momentos e através de diferentes instrumentos. Tal metodologia ajuda o discente a compreender e a se desenvolver, colabora para a regulação de suas aprendizagens, para o desenvolvimento de suas competências e o aprimoramento de suas habilidades em favor de um projeto (MENEGHEL, 2009). Dentro desta concepção Perrenoud (1999) acredita que a avaliação deve ter finalidade primeira a aprendizagem maior, apontando caminhos na solução de problemas e reinventando maneiras de democratizar o conhecimento.

2.1.3 Avaliação em Educação Física Escolar

Na perspectiva tradicional ou esportivista, predominavam preocupações avaliativas em Educação Física que enfatizavam a medição, o desempenho das capacidades físicas, as habilidades motoras e medidas antropométricas; tais elementos eram utilizados com a finalidade de conferir uma nota. Os testes forneciam informações quantitativas que deviam ser comparadas com a norma/tabela/padrão esperado, a aplicação era mecânica, descontextualizada e aleatória, não havia vinculação com o programa desenvolvido ao longo do ano (DARIDO, 2005). Esta concepção objetivava a punição, classificação ou seleção dos alunos.

Numa perspectiva de avaliação formativa ou mediadora, o foco são os aspectos internos do indivíduo, começa-se a valorizar a auto avaliação. Nesta

concepção, em Educação Física, o processo de ensino-aprendizagem deve servir de referência para analisar sua aproximação ou distanciamento em relação ao eixo curricular que norteia o Projeto Político Pedagógico da escola (DARIDO, 2005, p.125; CARVALHO et al, 2000). Luckesi (2002) sugere que o objetivo da avaliação é subsidiar a construção dos melhores resultados possíveis dentro de uma determinada situação. O ato de avaliar está a serviço dessa busca.

Atualmente, almeja-se que as aulas de Educação Física tenham o intuito de oportunizar que o aluno vivencie as habilidades físicas por meio de conhecimentos que enfatizem o corpo, esportes, lutas, danças e ginástica (BRATIFISCHE, 2003). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Educação Física (p.76-77), a avaliação parte dos critérios de ser o aluno capaz de:

“enfrentar desafios colocados em situações de jogos e competições, respeitando as regras e adotando uma postura cooperativa; estabelecer algumas relações entre a prática de atividades corporais e a melhora da saúde individual e coletiva; valorizar e apreciar diversas manifestações da cultura corporal, identificando suas possibilidades de lazer e aprendizagem”.

Neste sentido, a conduta do professor ao avaliar é a comparativa; contudo, deve-se comparar a evolução do aluno com seu diagnóstico inicial, e não com tabelas e padrões (DARIDO, 1999). A escolha dos instrumentos para a avaliação pode ser variada (provas, trabalhos escritos, seminários, gravações de áudio e vídeo), o importante é a concepção em que se sustenta a utilização desses instrumentos. Bratifisch (2003) e Darido e Rangel (2005) indicam que a avaliação deve ser contínua, podendo ser feita em todas as aulas e situações (diários, registros), e que deve ser compartilhada com os educandos, devendo abranger as dimensões cognitiva (conceitual), motora (procedimental) e atitudinal (valores). Darido e Rangel (2005) sugere que na dimensão conceitual se deva avaliar a compreensão dos alunos sobre um determinado acontecimento/fato - não apenas a data em que ocorreu e onde -, seu contexto em si, buscando evitar a “decoreba”; na dimensão procedimental a sugestão é que se avalie o estudante pelo seu processo de desenvolvimento das habilidades motoras, mas sempre o comparando consigo

próprio e não a partir de tabelas e padrões; na dimensão atitudinal a autora propõe que o professor leve em conta componentes afetivos e cognitivos ao longo do ano/trimestre/bimestre. Betti e Zuliane (2002) afirmam que o docente de Educação Física tem condição privilegiada para avaliar valores e atitudes em função da natureza dos conteúdos e estratégias, que frequentemente geram conflito em suas aulas.

2.2 DECISÕES METODOLÓGICAS

2.2.1 Escolha pela Pesquisa Qualitativa

Caracterizamos este estudo como de natureza qualitativa. Os métodos qualitativos não têm a preocupação de generalizar os achados, e sim de realizar uma análise de um grupo ou situação em específico (NEGRINE, 2010, p.61). Uma das características mais importantes do corte qualitativo é a flexibilidade, que possibilita ao pesquisador adequar a coleta de dados para que os objetivos possam ser atingidos da melhor forma. Molina Neto (2010, p.118) sugere que a pesquisa qualitativa “sustenta um leque de técnicas de investigação centradas em procedimentos que tratam de descrever e interpretar as representações e os significados que um grupo social dá à sua experiência cotidiana”. Tendo em vista as características da metodologia qualitativa e sendo o objetivo deste estudo aprofundar-se nesta situação em particular, julgamos ser este o método mais adequado.

2.2.2 O Processo de Escolha dos Participantes

A proposta inicial do estudo era selecionar um professor de Educação Física que atuasse em escola pública e um professor que atuasse em escola privada, ambas localizadas no município de Viamão/RS. Em função de estar havendo uma reestruturação do Ensino Médio e pelo fato de não haver professor de Educação Física nos anos iniciais nas escolas municipais buscamos trabalhar com professores que atuassem nos anos finais do Ensino Fundamental. A primeira escola pública

contatada consentiu a realização do estudo, e a professora de Educação Física dos anos finais se mostrou disposta a colaborar com a pesquisa, então esta foi a escola pública selecionada para a realização das coletas. Assim, fui em busca de uma escola privada, a primeira tentativa foi realizada com escola X, em função da acessibilidade e proximidade da escola, no dia 24 de julho, por telefone, onde fui informada pela secretária que a supervisora só estaria disponível após o recesso. Retomei a ligação no dia 5 de agosto, expliquei à secretária a intenção de realizar a pesquisa na escola, fui informada que a coordenadora não estava disponível, pois estava em reunião, então a secretária pediu que ligasse novamente na próxima semana, pois estavam em semana de reunião. Liguei para a escola novamente na semana seguinte, dia 12 de agosto, como indicado pela secretária, a secretária informou à supervisora sobre a proposta de trabalho e agendou uma reunião para o dia 20 de agosto. No dia 20 de agosto pude explicar a proposta do trabalho, entreguei uma carta de apresentação e a supervisora explicou que levaria a proposta à reunião da próxima terça-feira e que deveria ligar na quarta-feira seguinte para saber a resposta. O contato foi realizado no dia indicado e fui informada, pela secretária, de que não seria possível realizar as observações. Concomitantemente com o contato com esta escola fomos tentando contato com outras escolas privadas do município, algumas já informaram no primeiro contato que não seria possível realizar a pesquisa, algumas se comprometeram de encaminhar a proposta em reunião e no retorno comunicaram que não seria autorizado o estudo. Após todas estas negativas, em escolas próximas e mais acessíveis, fiz contato, por telefone, com a escola Y, que não é tão acessível/próxima, no dia 04 de setembro, expliquei para a supervisora a proposta da pesquisa, ela solicitou que enviasse por e-mail a carta de apresentação, pois ela apresentaria na reunião da próxima segunda (09 de setembro) e que deveria retornar a ligação no dia 10. No dia indicado contatei a escola e fui informada, pela supervisora, que a escola estava com uma rotina muito agitada e que não poderiam aprovar a realização da pesquisa.

Não visualizando mais alternativas para realizar a coleta em escola privada do município de Viamão decidimos buscar uma escola pública estadual, visto que é um contexto diferente da escola municipal onde já estava sendo realizada a coleta. Tendo em vista que o objetivo do estudo não era comparar o processo avaliativo em escolas públicas e privadas e sim compreender como este processo vem ocorrendo

em diferentes contextos os participantes do estudo foram uma professora que atua em uma escola pública municipal (Professora A) e outra que atua em uma escola pública estadual (Professora B). Estas participantes foram selecionadas em função do fácil acesso a estas escolas e da disposição das professoras em participar da pesquisa.

A professora A graduou-se em Educação Física, no IPA, em julho de 1983 (três anos de formação mais meio ano de estágio), depois fez uma especialização em Educação Física escolar e pré escolar e trabalhou nessa área logo depois de formada. Faz oito anos que a professora atua nesta escola municipal de Viamão, que está localizada na rodovia principal do município, esta escola atende principalmente à população carente, mas poucos estudantes não possuem materiais ou roupas adequadas para as aulas, em sua maioria possuem celulares e outras tecnologias. Os estudantes desta escola residem em vilas e bairros ao redor da escola e, como não possuem muitas opções de espaços de lazer, têm a escola como ponto de encontro e de socialização. A escola possui em torno de 10 salas, dispostas no piso térreo e no segundo piso, um refeitório, banheiros, uma biblioteca, uma sala de multiatividades, e o setor da direção/supervisão/sala dos professores. Quanto à estrutura física externa a escola possui uma quadra poliesportiva aberta, um pequeno espaço com uma árvore e gramado e um ginásio, que está em fase de construção, mas que está inutilizável e não tem previsão para ser concluído.

A professora B é formada em Educação Física na PUC (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) no ano de 2005, em seguida fez uma especialização em treinamento desportivo, logo em seguida prestou concurso para a Secretaria do Estado e foi chamada, atua na escola estadual em questão em regime de contrato desde 2007. Esta é uma escola estadual de médio porte, na qual se estrutura o Ensino Fundamental, o Ensino Médio, Ensino Médio Politécnico e a Educação de Jovens e Adultos. Sua clientela advém da própria Viamópolis e das Vilas adjacentes. A escola atende a diferentes populações, pois ao redor da escola residem famílias de diferentes classes econômicas, boa parte do entorno da escola é considerado área nobre, como a escola é bastante grande atende à crianças de outras vilas, algumas mais carentes. Possui 15 salas de aula, uma biblioteca, sala de vídeo, laboratório, refeitório, duas quadras, não cobertas, de esporte, além das dependências administrativas, bar, almoxarifado e banheiros. O espaço físico é

pequeno, resumindo-se a corredores, escadas, pátio interno e estacionamento. As salas de aula são ambientes, cada disciplina tem sua sala com materiais e decoração própria. São os alunos que trocam de sala ao término de cada aula.

2.2.3 O Processo de Coleta das Informações

Segundo Negrine (2010) os instrumentos de coleta, na investigação qualitativa, devem oferecer informações para que o pesquisador possa recolhê-las, descrevê-las e analisá-las e posteriormente interpretá-las e discuti-las a fim de compreender um fenômeno ou situação.

Para este estudo utilizamos primeiramente o diário de campo, que se caracteriza por ser um instrumento de registro, através da observação. A observação, segundo Negrine (2010), deve ser destituída de juízos de valor, para que o pesquisador não contamine as informações obtidas. Ainda segundo o autor “a observação como instrumento deve ser seletiva” (p.67), devendo o pesquisador manter o foco nos objetivos do estudo, mas ao mesmo tempo atentando para alterações nesta pauta de observação. Para o pesquisador, o diário de campo tem como objetivo registrar, em tempo real, atitudes, fatos e fenômenos percebidos no local de atuação. Por meio dos apontamentos pode-se estabelecer relações entre as vivências da pesquisa e o aporte teórico dado na universidade e/ou adquirido pelo pesquisador por seu próprio interesse (MINAYO 1993).

Ao final das observações realizadas em cada escola foi desenvolvida uma entrevista, do tipo semiestruturada, com as colaboradoras, pois esse procedimento permite um maior vínculo do pesquisador com os participantes do estudo e possibilita aprofundar questões surgidas durante o tempo de observação (NEGRINE, 2004). A entrevista é semiestruturada quando é pensada para obter informações de questões concretas e previamente elencadas, mas que ao mesmo tempo permite que o entrevistador aborde algum tema que surja durante a própria entrevista e dá possibilidades para que o entrevistado se sinta confortável para aprofundar alguma questão que lhe seja relevante (NEGRINE, 2010). Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras “é que ela permite a

captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

Buscando captar o máximo possível de elementos para uma análise qualificada das informações utilizamos ainda a análise de documentos das escolas (Projeto Político Pedagógico) para cotejar com as informações coletadas junto às professoras. Ainda procuramos analisar outros documentos citados pelas professoras durante as entrevistas, como a LDB, as leis do município, e os planos de estudos da disciplina, no entanto só foi possível realizar a análise da LDB e do PPP de uma das escolas, pois os outros documentos não estavam ou não foram disponibilizados. Segundo GODOY (1995) os documentos são importantes fontes de informação e auxiliam a compreender diferentes contextos e situações.

2.2.4 Validez Interpretativa e Cuidados Éticos

A validade interpretativa se deu a partir da transcrição das entrevistas de forma fiel, sem alterações dos vocabulários utilizados buscando evitar a contaminação das informações (NEGRINE, 2004). As transcrições foram apresentadas às professoras para que as mesmas pudessem fazer as correções que julgassem necessárias. Acreditamos que desta forma as informações foram validadas e legitimadas pelos sujeitos. De modo a atentar aos cuidados éticos de pesquisa as professoras assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que explicava os objetivos da pesquisa e os métodos que seriam utilizados. Buscando manter a privacidade dos sujeitos, neste trabalho, seus nomes, e os das escolas, serão substituídos por caracteres alfabéticos e/ou numéricos.

2.2.5 Processo de Análise das Informações

A discussão dos dados ocorreu através da análise de conteúdos, utilizando como procedimentos metodológicos a categorização, a inferência, a descrição e a interpretação. O processo de categorização foi realizado a partir do estudo detalhado dos elementos colhidos nas entrevistas e nos diários de campo, de onde

emergiram as unidades de análise as quais, em consonância com os objetivos da pesquisa, deram origem às três categorias: As categorias identificadas, em consonância com os objetivos do estudo foram: concepções pedagógicas; concepções de avaliação; instrumentos e critérios.

2.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

2.3.1 Concepções Pedagógicas

Entendemos que os objetivos e funções da avaliação, como sugere Mendes (2010), são elaborados pelos docentes a partir das concepções de ensino e de Educação Física construídas por eles ao longo de sua trajetórias. Assim, para compreender em que pressupostos se pauta a organização do processo avaliativo das professoras interlocutoras do estudo partimos do entendimento que é relevante entender quais as concepções pedagógicas que orientam sua prática pedagógica.

A Educação Física escolar se caracteriza pela diversidade de conteúdos, métodos de ensino e de avaliação em função das diferentes tendências pedagógicas que foram construídas no percurso histórico desta disciplina: Psicomotricista, Desenvolvimentista, Construtivista, Crítico Emancipatória, Crítico Superadora, Saúde Renovada, dentre outras. Para Mendes (2010) a adoção de uma ou outra abordagem pelos professores é uma escolha individual, baseada na concepção e visão de mundo e de educação que estes constroem a partir de suas experiências e trajetórias de vida. Nesse sentido, a análise dos dados nos levou a revisitar as abordagens pedagógicas que orientam o trabalho com a Educação Física escolar buscando estabelecer nexos entre a prática pedagógica e as perspectivas avaliativas.

A abordagem Psicomotora preocupa-se com o desenvolvimento da criança no ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, procurando oferecer um ensino integral à criança (GONÇALVES, 2005; DARIDO, 1998). Esta tendência está mais direcionada para o trabalho com a Educação Infantil e com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A abordagem Desenvolvimentista defende a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, tendo seu foco dirigido para crianças dos 4 aos 14 anos. O objetivo principal da Educação Física nessa perspectiva é oferecer experiências de movimento adequadas ao nível de crescimento e desenvolvimento ao longo das faixas etárias, seguindo uma sequência de aumento gradativo no nível de dificuldade das tarefas (GONÇALVES, 2005).

Na perspectiva Construtivista o conhecimento é construído em ambientes naturais de interação social onde a criança constrói seu aprendizado a partir da participação ativa nas experiências que lhe são oportunizadas. A proposta surge em oposição às correntes tecnicistas e mecanicistas propondo a valorização da construção do conhecimento de forma espontânea (GONÇALVES, 2005). O jogo é considerado o principal conteúdo/estratégia do ensino, pois, quando joga ou brinca, a criança aprende (DARIDO, 1998).

Na abordagem Crítico-Emancipatória três competências devem ser trabalhadas com os alunos, a objetiva, a social e a comunicativa. Nesta perspectiva, o aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, através da aquisição de capacidades de ação, e também de reconhecer e problematizar sentidos e significados, através da reflexão crítica (KUNZ, 2003).

Na abordagem Crítico-Superadora, a Educação Física é entendida como uma área do conhecimento que trata dos temas da Cultura Corporal, que representa as formas culturais do "movimentar-se" produzido historicamente pela sociedade. Estas formas são representadas e sistematizadas através do ensino dos temas da cultura corporal: Jogos, Lutas, Esportes, Ginásticas, Danças, Capoeira (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Nesta concepção a Educação Física escolar é pensada para contribuir nas transformações e mudanças sociais.

A abordagem da Saúde Renovada busca estratégias que auxiliem na reversão da grande incidência de distúrbios causados pela falta de atividade física. (Guedes e Guedes, 1996). Tem seu foco no desenvolvimento motor e na atividade física, principalmente para o trabalho no Ensino Médio. Nahas (1995) sugere que os

conteúdos devem ser trabalhados em uma sequência vertical, onde a progressão e a continuidade possam ser asseguradas e visualizadas nas diferentes etapas de ensino. A principal preocupação desta abordagem é que os alunos possam compreender os conceitos de atividade física, saúde e aptidão física, tornando-se capazes de autonomamente optarem por um estilo de vida mais ativo.

Ao analisarmos as informações que auxiliam na compreensão das concepções que orientam a prática pedagógica das colaboradoras do estudo, trazemos as falas da professora B:

“[...] Sim, eu estipulo duas séries, e aí dentro disso eles que vão me dizendo “de um a dez quanto tu tá cansado”[...] até pra ele ter uma noção de onde anda o sedentarismo dele [...] tipo tem que dar um incentivo pra eles da promoção do esporte e da atividade física, porque a gente tá trabalhando com 8º ano [...] eles já são adolescentes, eles já participam de outras atividades extracurriculares, então eles tem noção do que eles estão fazendo. [...]” (Professora B).

A prática do esporte e da atividade física está diretamente relacionada ao desenvolvimento da aptidão física e promoção da saúde, presente na abordagem Saúde Renovada proposta por Nahas (1995). Outro aspecto presente na fala da professora diz respeito ao propósito de fazer com que os jovens adotem um estilo de vida ativo, mesmo fora do ambiente escolar e que prossiga na sua vida adulta, elemento também característico desta abordagem, segundo Guedes e Guedes (1996).

A professora B ainda manifesta preocupação com a sequência dos conteúdos: *“[...] a gente vai organizando as aulas de forma coerente, pra que não vire o ano, o outro professor pegue a minha turma e os alunos não tenham noção do que ele tá falando [...]”*. Esta fala se relaciona, também, com a abordagem Saúde Renovada, pois sugere que o trabalho com os conteúdos ocorra de forma vertical e sequencial, de modo a assegurar a continuidade e a progressão dos conteúdos de ano para ano (NAHAS, 1995).

Apesar de estes elementos indicarem uma relação entre a prática pedagógica desta professora e a abordagem Saúde Renovada, alguns elementos essenciais que caracterizam esta proposta, como o trabalho com os conhecimentos da fisiologia, biomecânica, nutrição e anatomia (GONÇALVES, 2005) e o desenvolvimento da autonomia dos alunos (NAHAS, 1995) não são contemplados na fala da professora e não foram identificados durante as observações.

A prática dessa professora apresenta ainda algumas características de uma metodologia de ensino Esportivista, pois parece considerar que é função da Educação Física escolar desenvolver apenas os aspectos técnicos e táticos dos esportes:

“[...] eu trabalho em sala de aula com o esporte, as regras, alguma coisa de tática. Muito pouco, porque fica muito complicado trabalhar o tático nesse pouco tempo que eu tenho[...] depois eu entro na parte técnica que é mais chata, mais repetitiva e que eles provavelmente vão ter mais dificuldade [...] eu acabo trabalhando mais a parte de fundamentos e regras [...]”.

Mas, ao mesmo tempo em que explicita seu trabalho com a prática desportiva, expressa uma crítica ao fato de sempre serem trabalhados os mesmos esportes no ambiente escolar como podemos visualizar nos seguintes trechos: *“[...] isso é ruim no currículo, fica muito vôlei, handebol, basquete, futebol [...]”.* Esta constatação nos leva a questionar que aspectos fazem com que a professora se sinta obrigada a desenvolver sempre os mesmos conteúdos. O que nos leva a crer que, de alguma forma se sinta refém do modelo esportivista hegemônico que reduz a prática desportiva a algumas modalidades – neste o caso o já destacado “quarteto fantástico” (DAÓLIO, 2007).

Apesar de ter sua prática voltada para os esportes e para a aptidão física a professora parece ter superado um caráter tecnicista e analítico de ensino destes conteúdos, pois busca trabalhar de forma lúdica e global. Ao contrário do método de ensino do alto rendimento, que muitas vezes se reproduz nas escolas, as falas da

professora indicam que, em suas aulas o trabalho com a tática não é feito de forma maçante e monótona; e não há uma grande exigência quanto ao nível de desempenho dos alunos:

“Porque eu não posso obrigar eles a ter um ótimo desempenho, mas eu posso fazer com que eles se interessem e queiram melhorar, e é isso.” (Professora B)

“Então eu começo com o lúdico pra dar uma descontraída, sempre que eu trabalho com esporte eu tento trabalhar atividades bem lúdicas, pra que eles peguem o gosto, se interessem [...]” (Professora B).

Deste modo, pelo menos duas concepções parecem estar presentes na prática pedagógica desta professora, que mesmo demonstrando clara preocupação com a aprendizagem prazerosa dos alunos, não aparenta ter entendimento sobre quais são estas concepções. A forma como os conteúdos são abordados, as estratégias de trabalho desenvolvidas e o modo como se refere aos mesmos, nos sugerem ser orientada pela intuição.

Em relação ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, não encontramos elementos da prática pedagógica desta professora que atendam à proposta que está fundamentada em uma perspectiva construtivista, pautada nas práticas sociais, na mediação dos saberes através do diálogo e na transformação da realidade a partir da ação crítica. O PPP da escola propõe, para os Anos Finais do Ensino Fundamental, “oportunizar a capacidade de abstração presente nesta fase através da análise, dedução, interpretação, formulação de hipótese, propiciando ao aluno a reflexão crítica de seu cotidiano” (PPP, p. 15) e indicam que o professor deve criar estratégias para que os alunos construam aprendizagens voltadas para os aspectos éticos e estéticos dentro de uma perspectiva humanista. Nesse sentido, apesar dos conteúdos da Educação Física se constituírem em um campo fértil para o trabalho

na perspectiva proposta, não conseguimos vislumbrar consonância entre a prática desenvolvida e o PPP.

A análise das observações e das falas da professora A não nos leva a diferentes conclusões em relação à prática pedagógica adotada pela professora B. O que se destaca na prática desta professora é o trabalho com diferentes conteúdos, evidenciando que esta busca oportunizar situações que abrangem o desenvolvimento de variadas habilidades:

“Ah, nas aulas teóricas eu trabalhei com as regras do xadrez, que eu aprendi naquele curso de formação, trabalhei com eles a questão do alongamento, pra que serve, até dei um texto sobre alongamento e um outro sobre os conhecimentos da Educação Física. E na prática a gente tá trabalhando com o vôlei, com o toque e o passe.” (Professora A)

Esse trabalho com temas diferenciados nos indica uma superação de uma perspectiva unicamente esportivista, centrada nas quatro modalidades já referidas, pois a professora busca trabalhar com diferentes conteúdos teóricos e práticos, que envolvem raciocínio lógico, uso de estratégias, etc. Notamos, entretanto, que os temas e conteúdos são elegidos de forma aleatória, não parecendo haver um planejamento que garanta alguma sequência ou uma ligação entre eles. A escolha dos mesmos parece não estar sendo orientada ou fundamentada por alguma abordagem em específico.

Entretanto as estratégias de trabalho podem sugerir, como no caso de uma aula de Voleibol, indícios de uma abordagem tecnicista na medida em que a professora explica que no último trimestre trabalhou *“toque e passe”* e que agora está *“trabalhando o saque”*. Em uma das observações a professora organizou a turma em duas colunas de cada lado da rede, sendo que o primeiro aluno de cada uma das colunas deveria trocar passes com o primeiro da coluna a sua frente. Após algumas repetições deslocavam-se para o final da coluna, oportunizando que os

demais praticassem a tarefa. O exercício do toque, da forma como foi realizado, em colunas, mesmo com a presença da rede, não se configura em uma situação real do jogo de voleibol. Nesse sentido a forma segmentada do ensino destes fundamentos parece estar vinculada a uma prática analítica do ensino dos esportes, pois no método analítico-sintético prioriza-se a técnica, treinada fora da situação de jogo, buscando a automatização dos movimentos, procedimentos típicos do tecnicismo pedagógico, que tem seu foco na aptidão física e na performance motora, onde os alunos devem aprender os movimentos técnicos do jogo. As aulas nesta perspectiva têm ênfase na repetição de exercícios e na memorização dos gestos e movimentos (CASTRO et al, 2008). Essa dinâmica não oportuniza a tomada de decisão e a criação de estratégias que desafiem o aluno a um desenvolvimento integral (PINTO e SANTANA, 2005).

Nessa perspectiva esta metodologia de ensino vai de encontro ao que indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais, diretrizes que orientam a aprendizagem na dimensão procedimental para além do treino e da repetição mecânica:

“O processo de ensino e aprendizagem não deve se restringir ao simples exercício de habilidades e destrezas [...]” (PCN, 1997, p. 55).

“[...] aprofundar-se no conhecimento dos limites e das possibilidades do próprio corpo de forma a poder controlar algumas de suas posturas e atividades corporais com autonomia.” (PCN, 1997, p.89).

Ainda foi possível perceber que a professora trabalha com conhecimentos teóricos que atendem à dimensão conceitual proposta pelos PCN's (1997), no entanto a presença de um trabalho neste nível de abordagem não nos assegura que haja intenção, por parte da professora, de atender orientações do referido documento.

Assim, a análise evidencia que a professora A, apesar das indicações de uma trabalho com conteúdos conceituais, práticos, de raciocínio, etc, ainda apresenta

uma prática tecnicista, assim não parece ter seu trabalho pautado em alguma concepção pedagógica definida.

Foi possível constatar a partir da análise das informações coletadas que a prática das professoras interlocutoras embora contemple diferentes elementos e temas, apresenta uma predominância do conteúdo do esporte. As aulas práticas observadas tinham como tema central o esporte, tendo o seu objetivo focado no ensino dos fundamentos do esporte em questão. O trabalho com estes elementos se identifica com o método esportivo, que tem seu discurso pautado no “valor educativo dos esportes”, no desenvolvimento de aptidão física, motora e na iniciação esportiva (BETTI, 1991). Kunz (2006), Mendes (2010) e Betti (1991) sugerem que este modelo de ensino muitas vezes está destituído de sentido para os alunos e se reflete em uma prática excludente quando seleciona os mais habilidosos e talentosos para a realização dos jogos, a exemplo do que ocorre na abordagem tecnicista. Estes autores ainda criticam o fato de que, nesse modelo, os alunos não adquirirem o conhecimento necessário para compreender o esporte, e assim indicam que o conhecimento dos esportes deve ir para além da prática e caminhar na busca da autonomia e da construção dos conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Quanto à concepção pedagógica das professoras colaboradoras, a análise evidencia que as mesmas não possuem uma intencionalidade pedagógica ao planejarem, estruturarem e realizarem suas aulas. A intencionalidade pedagógica, segundo Sant’anna (1977), é o ato de planejar, organizar e sistematizar as aulas de forma consciente. Para Lopes et al (1991) todo método de ensino é realizado de forma intencional, mas indicam que as finalidades e os objetivos devem estar presentes de forma clara e concreta, e afirmam que a utilização de uma metodologia adequada, coerente e organizada auxilia a alcançar as metas educacionais pré-estabelecidas. Assim, não conseguindo visualizar a intencionalidade pedagógica das professoras colaboradoras, nos questionamos: “Quais as finalidades e objetivos da Educação Física nestas escolas?” “Haverá alguma clareza sobre a concepção de avaliação não havendo uma intencionalidade pedagógica?”.

2.3.3 Concepções de Avaliação

A análise das informações permite identificar que diferentes visões de avaliação perpassam o processo de ensino-aprendizagem das professoras colaboradoras do estudo.

Ao ser questionada sobre qual a função da avaliação na escola a professora A manifesta um certo desgosto ao constatar que o processo avaliativo funciona como “moeda de troca” com os alunos: “[...] *tudo tem que valer nota [...] tu tem que dar uma nota se não eles não fazem [...]*”. Tal constatação, apesar de evidenciar uma certa crítica por parte da professora, indica que a mesma se vê aprisionada a um modelo pautado em uma concepção comportamentalista, uma vez que a nota aparece como elemento condicionante diante das tarefas de aprendizagem. A realização das atividades fica condicionada ao reforço positivo representado pela nota, configurando-se num mecanismo de adestramento (MIZUKAMI, 1986; LIBÂNEO, 2008). Trabalhando nessa perspectiva a professora limita e/ou inviabiliza a adoção de uma postura crítica por parte dos alunos; a tomada de consciência sobre sua responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem; e nega a pluralidade do “jeito de viver” de cada aluno, limitando a ação pedagógica por não considerar essa pluralidade (HOFFMANN, 2009, p.18).

No entanto, outros aspectos da prática desta professora nos levam a pensar que seu trabalho apresenta outras visões de avaliação. Durante as aulas práticas, a prova prática e as aulas teóricas a professora constantemente buscava dar retorno aos alunos sobre a realização das tarefas, dando instruções de como realizar as atividades com maior qualidade. Esse acompanhamento, orientando os alunos ao longo do processo de ensino aprendizagem, caracteriza uma concepção formativa, pois é realizado continuamente durante as aulas e as atividades buscando dar um retorno sobre o desempenho nas atividades propostas (HAYDT, 1988).

A professora relata, em conversa informal durante as observações, que realiza uma prova teórica por exigência da escola, mas que a avaliação que considera mais relevante é a participação, o interesse e a concentração nas aulas. Essa constatação corrobora com os dados informados por Hoffmann (2009) que relata que as questões atitudinais tem sido privilegiadas nas avaliações das aulas de

Educação Física, e critica o fato de as questões cognitivas e motoras estarem sendo renegadas ou minimizadas na avaliação. Porém, este elemento parece significativo por evidenciar uma superação da concepção tradicional de avaliação, pois busca um olhar mais apurado e minucioso sobre cada estudante e não se pauta na medição, rotulação e classificação dos alunos a partir de suas habilidades físicas/motoras.

Quando questionada sobre quais documentos orientam sua prática avaliativa a professora A diz que: “*nós fizemos juntos, com todos os colegas e a Direção, uma normativa!*”. Quando perguntamos se há mais algum documento ou diretriz que a escola utiliza para orientar essa prática a mesma complementa dizendo: “*Tem, tem o PPP da escola, tem as leis do município, tem as leis máximas do país, tudo isso aí são normas que vem e a gente tem que se adequar.*” Buscando identificar a relação da prática avaliativa desta professora com estas diretrizes fomos em busca de documentos da Secretaria Municipal de Educação de Viamão que se referissem à prática pedagógica e não foi possível localizá-los na página da prefeitura. O PPP da escola não foi disponibilizado por estar em reestruturação.

A LDB (1996, Art. 24, parágrafo V), como lei nacional indica que a avaliação deverá ser “[...] contínua e cumulativa [...] com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais”. Estas orientações parecem estar presentes na preocupação da professora em avaliar os alunos “*no dia a dia*”, e a questão da prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

Outras falas da professora também indicam características de uma avaliação formativa:

“Ai, eu acho, na minha visão meio louca, a avaliação pra nós da Educação Física deveria ser assim no dia a dia, tu pede pro aluno fazer, demonstrar, e aí tu vê se o aluno progrediu ou não né, mas não é assim, a gente sabe que todo mundo tem que cumprir uma partezinha, então a gente tem que fazer toda essa metodologia, tem que fazer a prova teórica, tu tem que olhar o caderno, tudo [...]” (Professora A).

“infelizmente tudo vale uma notinha, depois soma tudo e faz a média final” (Professora A).

A professora parece ter de forma intuitiva uma percepção formativa sobre a avaliação, pois entende a avaliação como um processo e acredita que esta deve ser realizada continuamente, assim como sugerem Darido e Rangel (2005), e considera que os aspectos individuais devem ser levados em consideração, avaliando o aluno a partir de suas próprias evoluções (HOFFMANN, 2009; DINIZ E AMARAL, 2009). No entanto a professora demonstra não ter conhecimento sobre as discussões acerca da temática da avaliação e parece não estar ciente de que pratica uma concepção já legitimada no referencial teórico da área.

A professora B, quando perguntada sobre como realiza a avaliação nas suas aulas, explica que:

“[...] Aqui na escola a gente faz um Provão [...] marco toda aula quem veio com roupa adequada; participação, [...] aulas práticas valendo nota, uma avaliação física por trimestre [...] então o mínimo que eles têm que ter é aptidão pra correr, caminhar, fazer esse tipo de atividade.”

A fala da professora indica que são realizadas avaliações que contemplam as diferentes dimensões (conceitual, procedimental e atitudinal), no entanto a avaliação conceitual não é realizada pela professora, pois é incluída em um Provão que é elaborado pelos outros professores de Educação Física, que dão aula para um maior número de turmas. As avaliações que ficam a cargo da professora são a participação, a avaliação das aulas práticas e a avaliação física.

A professora indica a presença de uma avaliação contínua quando diz: *“[...] por exemplo agora é futsal, então eu dou umas três, quatro aulas de futsal e eles*

estão sendo avaliados pela participação, pelo arreganho, pela qualidade de movimento[...]”.

Apesar de avaliar diferentes aspectos percebe-se que cada um apresenta características de distintas concepções de avaliação. A avaliação da participação do aluno apresenta características de uma avaliação formativa, pois busca visualizar os avanços, dificuldades, dedicação individual do aluno. A presença de uma avaliação formativa também se expressa quando a professora diz: “[...] *por exemplo agora é futsal, então eu dou umas três, quatro aulas de futsal e eles estão sendo avaliados pela participação, pelo arreganho, pela qualidade de movimento[...]”*, característica que indica uma avaliação contínua e processual.

A professora parece buscar incluir os alunos no processo avaliativo quando diz: *“sempre tem um que não quer participar, daí vai passando o tempo e nunca faz nada, [...] se eles não querem participar eles não participam, daí eles mesmos vão administrando”*. Com isso a professora delega aos alunos a responsabilidade sobre este aspecto das suas avaliações a partir da opção de participar ou não das atividades: *“eu participei quantas aulas”, “não participei nenhuma”, “eles sabem que não vão ter aquela nota”*. Analisando este aspecto isoladamente, considerando que não foi possível visualizar outros elementos que contribuam para esta análise, pensamos que se a professora trabalha com estas informações com o intuito de que os alunos reflitam sobre a qualidade e a importância da sua participação, possibilitando aos estudantes repensarem e reformularem suas ações, estaria identificada com uma perspectiva emancipatória de avaliação. Esta perspectiva é caracterizada pelo processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, com o intuito de transformá-la. (SAUL, 1994). Caso contrário, se esta estratégia se constituir em um elemento apenas de constatação, de uma atitude considerada negativa, se configurará em uma avaliação punitiva, identificada com uma concepção tradicional.

Através das observações e das falas da professora B foi possível perceber que ela realiza um teste físico, que apresenta características de diferentes concepções de avaliação. O teste é composto por provas de corrida, de força e de velocidade, ou seja, se trata de uma avaliação da aptidão física dos estudantes, que indica uma perspectiva conservadora, pois procura medir e classificar os alunos

(MENDES, 2010). Entretanto outros aspectos presentes no teste indicam outra perspectiva avaliativa. A professora explica que um dos objetivos do teste é analisar o que os alunos vêm compreendendo sobre o conteúdo trabalhado durante o trimestre. A professora também expressa uma preocupação em não deixar a atividade ficar monótona e maçante para os estudantes e salienta diversas vezes que cada um realize a prova dentro de suas condições individuais. Estes elementos indicam uma ruptura com um modelo mais tradicional de avaliação, pois neste modelo não há uma preocupação em explicar aos estudantes os objetivos da aplicação dos testes e tampouco de vinculá-lo com o programa desenvolvido ao longo do ano/trimestre (DARIDO, 1999).

A professora B, quando perguntada sobre as dificuldades de colocar em prática a avaliação no ambiente escolar, afirma que:

“tu da uma nota, tu avalia, mas às vezes tu não consegue tocar aquele aluno, não consegue ver as individualidades, as dificuldades de cada um. Isso é muito frustrante, tu passar um semestre todo e tu acaba sendo só um avaliador” (Professora B).

Esta fala deixa claro que, apesar de apresentar em sua prática avaliativa elementos de uma concepção mais tradicional, a professora se sente muito incomodada com a função e o papel que a avaliação assume no ambiente escolar e apresenta preocupações características de uma concepção formativa, como o olhar individual para cada aluno.

A análise das observações também indica que através de registros a professora busca realizar uma avaliação contínua dos alunos nos aspectos individuais relacionados à parte motora e atitudinal. Além disso, podemos notar que a professora, ao trabalhar os conteúdos procedimentais, busca dar um *feedback*, aos alunos, corrigindo quando necessário e elogiando quando os alunos têm sucesso nas atividades. O feedback é importante por permitir um retorno, para o

professor e para o aluno, sobre o processo de ensino-aprendizagem, neste processo se configura em uma avaliação formativa pois dará informações ao professor para que este possa “regular sua ação” e ao aluno, para que possa “tomar consciência das dificuldades que encontra e tornar-se-á capaz, na melhor das hipóteses, de reconhecer e corrigir ele próprio seus erros.” (HADJI, 2001, p.20). Nesta mesma linha Haudt (1988) sugere que para que a avaliação possa cumprir seu papel formador é necessário que o aluno conheça os resultados de sua aprendizagem, e que o professor reflita sobre as estratégias utilizadas para modificá-las e adequá-las buscando uma maior qualidade de ensino.

Estas informações possibilitam constatar que a professora transita entre diferentes concepções de avaliação, e que a mesma se encontra em conflito em relação a estas concepções, pois nas suas falas apresenta propostas e valores de uma avaliação formativa, mas a sua prática encontra-se predominantemente identificada com uma perspectiva tradicional.

A análise das informações coletadas indica que as professoras buscam priorizar os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos, o que evidencia uma evolução da compreensão sobre o processo avaliativo, pois segundo Mendes (2010) o aspecto que prevalece nas escolas, ainda nos dias de hoje, é o quantitativo, que é característico de uma concepção tradicional de avaliação. O fato de as professoras buscarem dar um retorno, aos alunos, sobre seus avanços e suas dificuldades e realizarem avaliações em diferentes momentos do trimestre, ao longo das aulas, também evidencia uma superação de uma concepção mais tradicional. No entanto outros elementos apontam para uma prática mais tradicional tal como: o uso da avaliação enquanto estratégia para que os alunos se envolvam e participem das aulas; e o uso de testes para medir o desempenho e as habilidades técnicas dos alunos. O que identifica o teste como uma avaliação tradicional não é apenas a sua realização, mas o fato de haverem níveis ou padrões que os estudantes devam atingir, este elemento está presente na avaliação prática das duas professoras. No caso da professora A, na prova prática de toque e saque os estudantes tinham que realizar pelo menos dez toques, e a professora B explica que estipula no mínimo duas séries de cada exercício no teste físico.

Assim podemos notar diferentes concepções subjacentes à prática pedagógica das duas professoras colaboradoras do estudo, o que sugere uma falta de clareza sobre a concepção de avaliação que orienta a prática das mesmas. Sant'anna (1977) e Both (2011) orientam que primeiramente os professores devem ter ciência e clareza sobre seus objetivos e intencionalidades pedagógicas para depois poderem construir/eleger um conceito/concepção de avaliação e partir daí selecionar e aplicar os instrumentos avaliativos, pois desta forma estes poderão auxiliar a avaliação a cumprir com seu objetivo formador no processo de ensino-aprendizagem.

2.3.2 Instrumentos e Critérios

Os instrumentos avaliativos são recursos e estratégias que auxiliam no processo de coleta de informações ao qual se propõe a avaliação e devem ser selecionados a partir dos objetivos proposto por esta avaliação (CAMARGO, 2010).

Nas escolas estudadas, os instrumentos utilizados, na avaliação do processo de ensino aprendizagem nas aulas de Educação Física, foram variados e parecem atender a avaliação das dimensões procedimental, atitudinal e conceitual. Leal (2006) propõe que a diversificação dos instrumentos avaliativos viabiliza a variedade de informações sobre o trabalho docente e sobre os percursos de aprendizagem, assim como possibilita a reflexão acerca de como os conhecimentos estão sendo construídos pelos alunos. No entanto, Both (2011) salienta que a utilização de instrumentos diversificados não garante uma prática inovadora e formativa e enfatiza que os avaliadores, no caso os professores, orientadores pedagógicos, etc., devem ter clareza sobre o conceito de avaliação e sobre os objetivos e funções a que este instrumento se propõe.

A partir das falas das professoras interlocutoras do estudo, ao serem questionadas sobre como é realizada a avaliação, em continuidade ao que estamos discutindo, foi possível identificar que em ambas as escolas o principal instrumento utilizado para avaliar dentro da dimensão conceitual é a Prova Teórica.

[...] fazemos, com todos os colegas e a Direção, uma normativa, e depois cada um adéqua com seu conteúdo, o nosso da Educação Física, a gente faz a parte teórica, a prova teórica, que eu já te mostrei, tem que deixar a prova com a Supervisora [...] (Professora A)

[...] 30% é do Provão, que todas as turmas fazem no final do trimestre, então tem que ter aula teórica, tem que ter atividades mais de teoria, porque o Provão é teórico, é escrito, é objetivo [...] (Professora B).

As falas indicam que, nas escolas estudadas, tem-se a preocupação com a avaliação da dimensão conceitual também na disciplina da Educação Física, isto tem levado as professoras a trabalharem mais em sala de aula com os conteúdos teóricos. Neste sentido surgem outros instrumentos para auxiliar e para complementar a avaliação nessa dimensão, como a correção dos cadernos que, segundo a Professora A, serve para dar elementos e materiais para os alunos estudarem para as provas.

Quanto à utilização da prova teórica como instrumento de avaliação, Moraes (2011) sugere que esta normalmente é utilizada pelas escolas, como uma ferramenta para manter a ordem, a disciplina, e como forma de obrigar os alunos a estudarem. Mas indica que a prova pode superar esse caráter e se tornar um elemento que contribua com a apropriação de saberes de maneira significativa, se sua função for para além de constatar, verificar e medir as aprendizagens, possibilitando que os alunos identifiquem suas facilidades e dificuldades, e servindo como elemento de reflexão para que o professor e a escola criem novas estratégias e ações que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem.

Na escola 1, a Prova Teórica é elaborada pela professora A, por exigência da direção, e é realizada em período determinado pela escola para a realização das

provas. As provas disponibilizadas pela professora A contêm questões abertas (questões dissertativas) e questões fechadas (questões de preenchimento de lacuna e questões de verdadeiro ou falso). Os temas abordados na prova estão relacionados aos conteúdos desenvolvidos em aulas práticas e teóricas ao longo do trimestre. Nos aspectos citados é possível identificar avanço em relação a alguns trabalhos caracterizados por uma perspectiva tradicional onde, segundo Darido (1999), não há uma vinculação entre a avaliação e o programa desenvolvido ao longo do ano; e as questões abertas/dissertativas exigem do aluno a compreensão sobre o tema; exigem que este construa argumentos para falar sobre o conteúdo; e possibilitam respostas mais flexíveis, permitindo ao aluno abordar o tema a partir de seu entendimento (MORAES, 2011). No entanto, também podemos notar na prova teórica aspectos peculiares de uma avaliação tradicional, como as questões objetivas, as de verdadeiro ou falso e as de preenchimento de lacuna, que representam a maior parte da prova. Segundo Moraes (2011) este tipo de questão não possibilita visualizar de forma clara a compreensão do aluno sobre o assunto, pois enfatiza a memorização mecânica e permite que o conteúdo “seja decorado e não necessariamente aprendido” (p.242). Estes dados nos remetem a pensar que as provas exigem diferentes tipos de questões, que parecem contemplar os diferentes níveis cognitivos dos alunos, no entanto a forma como a prova é elaborada indica uma falta de clareza sobre os objetivos da mesma.

Na escola 2, local de atuação da professora B, a realização do Provão, como já mencionado, fica a cargo da escola, e é organizado por áreas, sendo que a Educação Física se insere na área de Códigos e Linguagens, juntamente com as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Literatura e Artes (LIÇÕES DO RIO GRANDE, 2009), a área trata:

“[...] o conceito central de linguagem como a capacidade humana de articular significados coletivos em códigos, ou seja, em sistemas arbitrários de representação, compartilhados e variáveis, e de lançar mão desses códigos como recursos para produzir e compartilhar sentidos [...]” (p.37).

Neste sentido o principal objetivo das disciplinas que compõem esta área é:

“[...] ampliar o alcance e a qualidade da experiência dos educandos com diferentes manifestações da linguagem, contribuindo para que tenham uma participação mais ampla e significativa nas variadas culturas das quais fazem parte [...]” (p.37).

O documento parece tratar todas as disciplinas da área com a mesma relevância e sugere que as mesmas possuem elementos e conceitos comuns que favorecem uma prática interdisciplinar. No entanto, apesar de a escola se orientar por esta perspectiva não se visualiza evidências que indiquem um trabalho interdisciplinar. Quanto a este aspecto notamos na composição do Provão desta área, que apesar dos conceitos serem comuns as questões são divididas por disciplina, e o que se destaca é o fato de que de um total de trinta questões apenas três se destinam ao conteúdo da Educação Física, esta constatação sugere uma hierarquia em relação aos conhecimentos teóricos. Outro elemento relevante é o fato de esta prova representar 30% da nota total do aluno, assim, no formato em que as questões se apresentam, cada questão de Educação Física representa 10% da nota total do aluno.

As questões das provas dos 8ºs anos (Anexos, p. 85) estão relacionadas ao conteúdo de vôlei. As perguntas parecem repetitivas e a forma como foram elaboradas exigem apenas a memorização do conteúdo e não possibilitam que os alunos reflitam mais sobre as problemáticas. Neste sentido, nos parece que o uso deste instrumento não contribui com a construção dos saberes por parte dos alunos, tampouco oferece elementos que deem subsídios para a prática pedagógica dos docentes, assim se limita apenas a constatação das aprendizagens e à atribuição de notas, que serão entregues aos alunos e aos pais, servindo apenas, como sugere Hoffmann (2009), de “rede de segurança” para que os professores tenham subsídio para sustentar a média/nota apresentada.

Assim podemos perceber que em ambas as escolas a prova teórica não parte da iniciativa pessoal de cada professor, este elemento aparenta um caráter coletivo e que busca padronizar/balizar os instrumentos de avaliação da escola, para todas as disciplinas. No entanto o fato de este componente ser imposto e a forma como é estruturado acaba por apenas atender a uma exigência burocrática, e assim não cumpre com sua função primordial de contribuir efetivamente com a melhoria dos aspectos que envolvem o processo de ensino aprendizagem (BOTH, 2011). A predominância de questões objetivas nestas provas explicita que não há uma preocupação com a opinião, compreensão e interpretação dos alunos. Nas questões objetivas o aluno fica limitado a uma única resposta perante questões de múltipla escolha, preenchimento de lacuna, etc; ao mesmo tempo o próprio professor fica preso a um gabarito, que de certa forma lhe dá alguma segurança, mas que, no entanto, não possibilita que o mesmo visualize e/ou considere as subjetividades na formulação das respostas dos alunos (HOFFMANN, 2009; MORAES, 2011). Neste sentido, Hoffmann (2009) sugere que:

“Se ao aluno cabe apenas responder questões cujas respostas são sempre sugeridas pelo professor, ou textos lidos, tais respostas não significarão uma reflexão e um entendimento próprio, não representarão desenvolvimento máximo possível do conhecimento [...]” (p.57).

Hoffmann (2009) e Moraes (2011) indicam que as questões que solicitam que os estudantes, a partir de uma dissertação, discutam, interpretem e reflitam sobre o tema proposto podem trazer mais elementos para que o professor avalie seu percurso e repense sua prática, e para que o aluno possa compreender como vem construindo seus conhecimentos. Neste sentido, a prova teórica, da forma como estão estruturadas nestas escolas, parece ser um instrumento de avaliação inadequado, pois segundo Luckesi (2000) um instrumento de coleta de informações pode ser inadequado quando não oferece informações significativas e de qualidade. Um instrumento inadequado pode transformar os dados reais, de forma que não ofereça elementos para a qualificação do processo de ensino.

A prova prática é também um instrumento comum na prática avaliativa das duas professoras colaboradoras. A professora A realiza uma prova prática cobrando a realização dos fundamentos do esporte trabalhado no trimestre. No trimestre observado o conteúdo da prova foram os fundamentos de toque e passe do voleibol. No momento de realização da prova a professora solicitou que os alunos fizessem duplas. Cada um da dupla deveria se posicionar de um lado da rede, então a professora solicitou que trocassem no mínimo 10 passes, cada dupla tinha três tentativas, a professora registrava a de número maior. Estes elementos indicam que a avaliação da dimensão procedimental, mesmo que inconscientemente, está pautada numa concepção tradicional de avaliação, pois estabelece critérios padronizados, não considerando os avanços individuais e as dificuldades de cada aluno (BAGNARA, 2011; DARIDO e RANGEL, 2005). Outro aspecto a ser sublinhado é a desvinculação desta prova com a situação real de jogo de voleibol, pois a posição que os alunos foram dispostos os coloca em situação de oposição, de adversários, e em uma situação real de jogo os adversários não devem trocar passes. Todavia, nota-se que a prova contém de forma sutil um elemento de colaboração, visto que os integrantes da dupla devem trabalhar de forma solidária e cooperativa. Desta forma nota-se que não há uma clareza quanto ao objetivo deste instrumento.

A professora B realiza um circuito com uma sequência de testes físicos que exigem alguma aptidão física dos alunos a partir do que tem sido desenvolvido em aula, e também a compreensão de alguns conteúdos trabalhados em aulas práticas. A primeira parte do teste é a apresentação de uma sequência de movimento de alongamento, escolhida pelos alunos, onde estes devem explicar quais músculos estão sendo alongados. Na sequência a professora realiza um teste aeróbico (corrida), e para finalizar um teste de força. Este instrumento parece atender a avaliação das dimensões procedimental e conceitual, mas parece haver uma predominância dos aspectos físicos. A professora colocou, em conversa informal durante as observações, que quem não participa das aulas deve realizar o teste para garantir nota. Esses elementos nos levam a pensar sobre qual a função e o objetivo deste teste, pois mesmo dentro de uma perspectiva tradicional o teste serviria para verificar o rendimento do aluno, sua evolução nas habilidades de força,

velocidade, etc, no entanto se os estudantes não participam das aulas “como poderão eles apresentar alguma melhora?”.

Foi possível perceber através da análise destes dados que a realização das provas práticas das duas professoras se dá de forma bem distinta, e apesar de apresentarem elementos de uma avaliação tradicional também apresentam outros elementos que indicam uma tentativa de superar este modelo. Assim percebe-se que não há uma clareza sobre os objetivos aos quais este instrumento se propõe, dificultando que as professoras possam analisar se os mesmos foram alcançados e pensar em novas estratégias.

Outro aspecto comum na avaliação das duas escolas é a participação, que se apresenta como uma avaliação da dimensão atitudinal:

“[...] e eles estão sendo avaliados pela participação, pelo interesse pela, pelo arreganho [...]” (Professora B).

“[...] referente à roupa adequada, à participação, à frequência, então onde engloba assim o que o aluno desenvolve no dia, qual é o interesse dele [...]” (Professora A).

Demo (2005) sugere que a participação é um dos principais instrumentos para uma avaliação qualitativa. Em ambos os contextos a participação é avaliada através da observação. A análise das observações e das falas das professoras não indica que as mesmas façam uso de registro para avaliar a participação dos alunos nas atividades propostas. Para Amaral e Borella (2009) a observação é uma das técnicas mais adequadas, que o professor dispõe, para melhor conhecer o comportamento e as atitudes dos alunos, mas salientam que esta observação deve ser registrada e realizada continuamente, nas situações cotidianas/espontâneas, nos debates, nas atividades em grupo, nas tarefas de distribuição de responsabilidade, etc. Desta forma, podemos supor que a observação é um instrumento relevante para obter informações mais completas sobre os avanços e dificuldades dos alunos, mas, para que estas sejam ainda mais precisas é necessário que outros elementos

estejam associados a essa avaliação. Foi possível perceber a partir da análise das informações que a avaliação realizada por meio das observações tem seu foco nos aspectos atitudinais.

As falas das professoras evidenciam que apesar de buscarem priorizar os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos a questão burocrática faz com que mesmos os aspectos qualitativos se quantifiquem:

“[...] o trimestre vale 30, cada coisa tu dá uma nota, depois soma tudo, é uma questão matemática, como eu disse pros alunos, infelizmente tudo vale uma notinha [...]” (Professora A).

“[...] 50% da nota é de participação, e atividades que tu executa, e 30% é do Provão [...]” (Professora B).

É possível perceber a partir das falas das professoras e das observações realizadas, que tanto as professoras quanto as escolas têm intenção de valorizar e priorizar os aspectos qualitativos, mas que parecem estar presas a este modo de realizar avaliação. Esta constatação corrobora com o que apresenta Polidori (2010), que indica que uma das formas que as instituições escolares e os docentes encontram para resolver os grandes problemas da avaliação é quantificar, transformar em informações numéricas os elementos subjetivos e qualitativos. Assim os instrumentos, por mais que tenham uma proposta qualitativa acabam por mensurar e classificar os alunos. Hoffmann sugere que este processo ocorre, provavelmente, em função da segurança que os números e os dados quantitativos dão ao professor e à instituição ao apresentar os boletins. Neste mesmo sentido a autora ainda indica que os professores encontram dificuldades em explicar para os alunos, supervisão pedagógica e familiares, que uma tarefa ou outra não possui uma nota, que seu valor é “inestimável” e assim não pode ser mensurada e considerada certa ou errada (HOFFMANN, 2009). Segundo Polidori et al (2010), para que

possamos realizar uma prática inovadora e transformadora é necessário superar este costume de reduzir a realidade a números.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os objetivos deste estudo, de compreender as concepções de avaliação subjacentes à prática pedagógica nas aulas de Ed. Física de escolas de Viamão, bem como os instrumentos e critérios utilizados e, a função da avaliação para os professores interlocutores, a análise das informações coletadas evidenciou que, em ambos os contextos pesquisados, os instrumentos e critérios utilizados são diversos e parecem atender à avaliação das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, propostas pelos PCNs. No entanto, o estudo também indica que, em função da forma como estão organizados, não garantem uma prática inovadora e formativa.

Quanto à concepção pedagógica das professoras colaboradoras, a análise evidencia que as mesmas apresentam diferentes concepções podendo ser identificados elementos da abordagem Saúde Renovada, da Técnica, bem como a predominância de uma prática Esportivista. Em relação à concepção avaliativa, há aspectos que sugerem uma concepção formativa e outros mais identificados com a concepção tradicional. Entretanto, a par destas constatações, as informações colhidas nos levam a pensar que as professoras não possuem uma intencionalidade pedagógica ao planejarem, estruturarem e realizarem suas aulas e práticas avaliativas.

Esta ausência de intencionalidade pode ser uma das razões geradoras dos conflitos e tensionamentos manifestados pelas docentes ao comentarem alguns dilemas que perpassam as situações descritas.

Nessa perspectiva, a análise nos leva a pensar que tais fatos possam ocorrer em função da fragilidade dos saberes e conhecimentos evidenciados por parte das professoras, nos instigando a refletir sobre a importância de um programa de

formação continuada, que possibilitasse aos docentes novas possibilidades de estudo e reorientação de suas práticas pedagógica e avaliativa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eliane Mahl; BORELLA, Douglas Roberto. O processo de avaliação em Educação Física no ensino fundamental, anos iniciais. **Efdeportes**: Buenos Aires, 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd136/avaliacao-em-educacao-fisica-no-ensino-fundamental.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

BAGNARA, Ivan Carlos. Perspectivas da avaliação na Educação Física Escolar. **Efdeportes**, Buenos Aires, 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd159/avaliacao-na-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 01 out. 2013.

BALBÉ, Giovane Pereira. Educação Física Escolar: Aspectos Motivadores. **Efdeportes**: Buenos Aires, 2008. Disponível Em: <[Http://Www.Efdeportes.Com/Efd124/Educacao-Fisica-Escolar-Aspectos-Motivadores.Htm](http://www.efdeportes.com/efd124/Educacao-Fisica-Escolar-Aspectos-Motivadores.Htm)>. Acesso Em: 04 Jan. 2013.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luis Roberto. Educação Física Escolar: Uma Proposta De Diretrizes Pedagógicas. São Paulo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. 2002

BOTH, Ivo José. **Avaliação**: “voz da consciência” da aprendizagem. Curitiba: Ibpex, 2011. 200 p.

BRACHT, Valter; Caparroz, Francisco. O Tempo E O Lugar De Uma Didática Da Educação Física. **Revista Brasileira De Ciências Do Esporte**, Campinas, V. 28, N. 2, P.21-37, Jan. 2007.

BRASIL, **Decreto Nº 69.450, de 1º de Novembro de 1971**. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d69450.htm> Acesso em 1º de maio de 2013.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 5ª Ed. Disponível em:<http://Bd.Camara.Gov.Br/Bd/Bitstream/Handle/Bdcamara/2762/Ldb_5ed.Pdf>. Acesso Em 14 De Dezembro De 2012.

BRASIL, Lições do Rio Grande. **Referenciais Curriculares - Caderno do Professor - Volume 2** - Linguagens Códigos e suas Tecnologias: Educação Física e Arte. 2009. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_prof_vol2.pdf>. Acesso em 07 de maio de 2013.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : Educação física /Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.96p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em 07 de maio de 2013.

BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. Avaliação Em Educação Física: Um Desafio. **Revista da Educação Física**: Uem, Maringá, V. 14, N. 2, P.21-31, 2003.

CAMARGO, Wanessa Fedrigo. **Avaliação da aprendizagem no ensino fundamental**. 2010. 101 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

CARVALHO, Maria Helena da Costa. et al . **Avaliar com os pés no chão: reconstruindo a prática pedagógica no ensino fundamental**. Pernambuco: UFPE, 2000.

CASTRO, Jeimis Nogueira de; SILVA JUNIOR, Sérgio Henrique Almeida da; SOUZA, Nádia Maria Pereira de. A influência das ideias pedagógicas nas abordagens da Educação Física. Buenos Aires: **Efdeportes**, 2008. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd123/a-influencia-das-ideias-pedagogicas-nas-abordagens-da-educacao-fisica.htm> >. Acesso em: 08 nov. 2013.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. 119 p.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina. Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Catarina, v.20, n.1, p.58-66, set. 1998.

DARIDO, Suraya Cristina. A Avaliação em Educação Física Escolar: das abordagens à prática pedagógica. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 5. 1999, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, p. 50-66, 1999.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa: Polêmicas do nosso tempo**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DINIZ, Josiane; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. A Avaliação na Educação Física Escolar: Uma Comparação Entre as Escolas Tradicional e Ciclada. **Revista Movimento**, Porto Alegre, V. 15, N. 1, P.241-258, 2009.

FARIAS, Edvaldo de. A educação como veículo de acesso à saúde. In: VARGAS, Angelo; PIMENTEL, Fabiana; LAMES, Cayo. **Questões do Esporte: coletivo de autores**. Rio de Janeiro: Laboratório de Estudos da Cultura Social Urbana, 2008. p. 72-76.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1988. 63 p.

GODOY, Arilda Schimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista da Administração de Empresas**. São Paulo, 1995.

GONÇALVES, Vivianne Oliveira. Concepções e Tendências Pedagógicas da Educação Física: Contribuições e Limites. **Revista Eletrônica de Educação do**

Curso de Pedagogia. UFG. Jataí. 2005. Disponível em:
< <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/view/20396> >. Acesso em 08 nov. 2013.

GRECO, Pablo Juan. **Iniciação esportiva universal 2:** metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GUEDES, Dartagnan Pinto; GUEDES, Joana Elisabeth Ribeiro Pinto. **Controle do Peso Corporal: Composição Corporal Atividade Física e Nutrição.** Londrina: Midiograf, 1996.

HADJI, Charles. **Avaliação Desmistificada.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1988.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora:** Uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009. 160p.

KOLYNIAC FILHO, Carol. **Educação física: uma introdução.** São Paulo: Educ, 1996. 100 p.

KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física.** Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correa de; MORAIS, Artur Gomes de. Avaliação e aprendizagem na escola: a prática pedagógica com eixo da reflexão. In MEC. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: MEC, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública:** A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 22ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. Disponível em:
<<http://pt.scribd.com/doc/6641625/Libaneo>> Acesso em: 12 set. 2011.

LOPES, Antônia Osima et al. **Repensando a didática.** Campinas: Papyrus, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? Secretaria da Educação. **Todos pela escola.** Salvador, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem na Escola e a Questão das Representações Sociais. Universidade Nova De Julho. São Paulo: **Eccos Revista Científica**, V. 4, N. 2, P. 79-88, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa Em Educação:** Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, Evandra Hein. Avaliação da aprendizagem em educação física escolar. In: BRANDL, Carmem Elisa Henn. **Educação física escolar:** questões do cotidiano. Curitiba: Editora Crv, 2010. 153p.

- MENEGHEL, Stela Maria; KREISCH, Cristia. Encontro Sulbrasileiro de Psicopedagogia, 3., 2009, Curitiba. Concepções de Avaliação e Práticas Avaliativas na Escola: Entre Possibilidades e Dificuldades. Curitiba: **Anais**, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3393_1920.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de S. **O Desafio Do Conhecimento**. Pesquisa Qualitativa Em Saúde. 2ª Ed. Sp: Hucitec/ Rj: Abrasco, 1993.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: As abordagens do processo**. Abordagem Comportamentalista. São Paulo: EPU, 119p. 1986.
- MOLINA NETO, Vicente. A Prática De Professores De Educação Física Das Escolas Públicas De Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, N. 9, P.31-46, 1998.
- MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, Vicente, TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. (orgs.). **A Pesquisa Qualitativa Na Educação Física**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MORAES, Dirce Aparecida Foletto de. Prova: instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem. **Est. Aval. Educ**: São Paulo, 2011.
- NAHAS, Markus Vinícius. et al. Educação Para Atividade Física e Saúde. Porto Alegre: **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v1, n1. 1995.
- NEGRINE, Ayrton. Instrumentos De Coleta De Informações Na Pesquisa Qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente, TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. (orgs.). **A Pesquisa Qualitativa Na Educação Física**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- OLIVEIRA, Amauri Bássoli de. Metodologias Emergentes no Ensino da Educação Física. **Revista Da Educação Física**, UEM, 1997.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física?** 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 114 p.
- PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victoria; VIEIRA, Thiago Hrysyk. Finalidades e Objetivos da Educação Física na Escola: A Visão Epistemologica De Professores e Alunos. **Rev. Teoria E Prática Da Educação**, Londrina, V. 11, N. 3, p.268-283, Set. 2008.
- PENNA FIRME, Thereza. Avaliação: Tendências e Tendenciosidades. **Ensaio: Aval.Pol.Públ**. Rio De Janeiro, V.1, N.2, P.5-12, Jan/Mar. 1994.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens** – entre duas lógicas. Porto Alegre: ArtMed Sul, 1999.
- PINTO, Fabiano Soares; SANTANA, Wilton Carlos de. Iniciação ao futsal: as crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar? **Efdeportes**, Buenos Aires, p.1-1, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd85/futsal.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2013.

POLIDORI, Marlis Morosini; MARINHO-ARAUJO, Claisy M.; BARREYRO, Gladys Beatriz. SINAES: Perspectivas e desafios na avaliação da educação superior brasileira. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.53, p. 425-436, out./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n53/a02v1453.pdf>>. Acesso em 10 nov. 2013.

RESENDE, Helder Guerra de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Elementos Constitutivos de Uma Proposta Curricular Para o Ensino-Aprendizagem da Educação Física na Escola: Um Estudo De Caso. **Revista Perspectivas Em Educação Física Escolar**, Niterói, p.26-35, 1997.

SANT'ANNA, Flávia Maria. **Microensino e Habilidades Técnicas do Professor**. 3. ed. Porto Alegre, 1977.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória**: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

SOUZA, Sandra Maria Zákia Lian. **Avaliação Da Aprendizagem**: Teoria, Legislação E Prática no Cotidiano de Escolas de 1º Grau. 1986. 9 F. Dissertação (Mestrado) - Puc, São Paulo, 1986.

5. APÊNDICES

5.1 ROTEIRO ENTREVISTA

- 1-) Como é elaborado o plano de estudos da disciplina? Como a avaliação se insere no plano?
- 2-) No teu entendimento, para que serve, qual a importância da avaliação?
- 3-) Qual a proposta avaliativa da escola? Há alguma orientação da escola quanto à forma de realização da avaliação? Que tipo de orientações, propostas? Há algum documento que norteie esse prática avaliativa?
- 4-) Como realizas a avaliação?
- 5-) Quais os instrumentos utilizados?
- 6-) Quais os critérios utilizados para as avaliações?
- 7-) Encontras alguma dificuldade na realização das avaliações nas suas aulas? Quais?

5.2 CARTA DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

APRESENTAÇÃO

Apresentamos a aluna Natacha da Silva Tavares que está desenvolvendo seu Trabalho de Conclusão de Curso, através do projeto de pesquisa intitulado: “A avaliação do processo de ensino-aprendizagem nas aulas de educação física em escolas de Viamão/RS”. Nesta perspectiva solicitamos que a mesma possa realizar observações de aulas, entrevista com professores, bem como ter acesso ao Projeto Político Pedagógico e aos planos de ensino de Educação Física dessa instituição educacional.

Certos de contarmos com a sua atenção, agradecemos.

Porto Alegre, xx de julho de 2013.

Profa. Dr^a Denise Grosso da Fonseca

Orientadora do Trabalho

5.3 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “A Avaliação Do Processo De Ensino-Aprendizagem nas Aulas de Educação Física em Escolas de Viamão/RS” que tem como objetivo principal compreender as concepções de avaliação subjacentes à prática pedagógica dos professores de Educação Física de escolas do município de Viamão/RS.

Procedimentos

Durante a realização do trabalho de campo, as informações para este estudo serão coletadas através de observações, registros em diário de campo, entrevistas e análise de documentos. As entrevistas serão previamente agendadas e realizadas em seu local de trabalho no horário de funcionamento da escola e de realizações de atividades docentes como aulas, reuniões, conselhos de classe e intervalo. Estas serão gravadas, transcritas e devolvidas para sua confirmação e, se necessário, correção de informações. Os registros serão de forma descritiva, não havendo registro que emita juízo de valor. O relatório final deste estudo também lhe será devolvido para leitura e apreciação das informações coletadas e interpretações realizadas.

Confidencialidade

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial. Em nenhum momento será divulgado o seu nome. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória.

Voluntariedade

Sua participação é voluntária. A qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar, retirando seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Orientadora
Denise Grosso da Fonseca
dgf.ez@terra.com.br

Orientanda
Natacha da Silva Tavares
natacha_760@hotmail.com

Porto Alegre, _____ de _____ de 2013.

Eu, _____, aceito participar deste estudo e declaro que fui informado de forma clara e detalhada acerca dos processos de aplicação e dos objetivos, podendo retirar meu consentimento a qualquer momento sem nenhum prejuízo a minha pessoa.

Assinatura do participante

5.4 CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA

Declaração de Autorização da Escola

Nome da Escola: _____

Nome do(a) Diretor(a): _____

Endereço _____

Declaro que a pesquisadora Natacha da Silva Tavares está autorizada a realizar coleta de informações para a pesquisa intitulada: A avaliação do processo de ensino-aprendizagem nas aulas de educação física em escolas públicas e privadas de Viamão/RS a partir do mês de agosto de 2013.

Tenho conhecimento de que o pesquisador objetiva compreender como ocorre o processo avaliativo identificando quais as concepções de avaliação subjacentes à prática pedagógica dos professores de Educação Física de escolas do município de Viamão/RS, bem como conhecer os instrumentos e critérios utilizados na avaliação do processo de ensino aprendizagem nas aulas de educação física e identificar quais são as funções da avaliação para os professores de educação física das referidas escolas e ainda verificar possíveis divergências e/ou aproximações do processo avaliativo entre as escolas.

Para efetivar a coleta das informações o professor terá permissão para realizar observações de aulas e entrevistas com os professores.

Estou ciente de que o pesquisador preservará a identidade dos sujeitos participantes e observará os procedimentos éticos no manejo das informações obtidas. As atividades do pesquisador deverão ser executadas com planejamento prévio e sem prejuízo nas atividades da comunidade escolar.

Data

Assinatura e carimbo da Direção da Escola

5.5 DIÁRIO DE CAMPO ESCOLA 1

ESCOLA MUNICIPAL ENSINO FUNDAMENTAL

1. Aproximação e contato com o campo

Contato realizado dia 23 de julho, por telefone, com a Escola Municipal 1, informei à secretária a minha intenção de fazer as observações na escola, ela comunicou que a Supervisora Pedagógica não estava na escola no momento e solicitou que eu comparecesse à escola no dia seguinte (24 de julho) às 8h para conversar com a supervisora.

No dia seguinte retornei à escola, no horário sugerido pela secretária, aguardei por alguns minutos e o guarda me indicou a supervisora. A supervisora me recebeu, expliquei a minha proposta e ela solicitou que eu retornasse depois do recesso escolar, pois naquele dia estaria tendo curso de formação na escola.

Após o recesso escolar retornei à escola, no dia 15 de agosto, me dirigi à supervisora que assinou a documentação e me apresentou à professora de Educação Física, combinamos que as observações seriam feitas nas terças-feiras pela manhã com as turmas de 8º ano.

2. Observações

Dia 20 de agosto

Comentários da professora

Ao longo das aulas a professora comentou que:

- a) Esta é a primeira escola em que ela trabalha onde lhe exigem fazer prova teórica, mas o que ela realmente considera mais importante é a participação dos alunos.
- b) A obra iniciada, na escola com a construção do ginásio, pela antiga gestão da prefeitura está parada, dificultando a realização das aulas, pois os materiais para a obra estão ocupando espaço e a única quadra que a escola possui tem tela em cima, então é muito difícil de jogar vôlei por exemplo. Então a

professora explicou que coloca a rede de vôlei amarrada em uma árvore e na grade da quadra de futsal.

Turmas

1ª Turma (81): aula teórica sobre as regras do xadrez, professora passou o texto através de ditado. Após o texto a professora iniciou a correção dos cadernos, ela explicou que solicita que os alunos tenham, no caderno, todos os textos e conteúdos trabalhados nas aulas teóricas para que possam estudar para a prova teórica e explica que a correção dos cadernos é um dos instrumentos de avaliação da turma. Os alunos que estavam com os cadernos em dia foram liberados para jogar na quadra enquanto a professora corrigia os outros cadernos.

2ª Turma (84): aula prática. Alguns meninos se dirigiram para a quadra, montaram os times e jogaram futsal. O restante da turma foi organizado pela professora para treinar o passe do vôlei para a prova prática, que seria na semana seguinte. Então a professora os organizou em duas colunas de cada lado da rede, o primeiro aluno da coluna deveria trocar passes com o primeiro da coluna a sua frente, os alunos tinham algumas tentativas e depois iam para o fim da fila, a professora ia fazendo correções ao longo da aula, explicando como deveria ser o posicionamento das mãos, que não deveriam passar com uma mão só, etc. Neste dia havia reunião pedagógica, em função disso a aula terminou às 10h.

Dia 27 de agosto

Não foi realizada a observação, pois a professora explicou que seria a semana de provas teóricas. Os provões de matemática, português e ciências e depois os e artes e educação física.

Dia 03 de setembro

O dia estava chuvoso, então as aulas foram realizadas na sala. A prova prática foi adiada para a semana seguinte. Em todas as turmas a professora disponibilizou jogos de tabuleiros, baralho, etc. para os alunos, eles se dividiram em grupos, às vezes ocorria um rodízio, havia fila para as próximas partidas. Alguns

alunos estavam com fone de ouvido ou celular, mas todos participaram de algum jogo. A professora continuou a correção dos cadernos dos que ainda não haviam apresentado ou não estavam com o material completo. Após as correções a professora ia passando nas mesas para explicar alguma regra, tirar dúvidas e motivar/incentivar os estudantes na execução dos jogos. A professora me disponibilizou uma cópia das questões das provas teóricas, dos oitavos e nonos anos, que haviam sido realizadas na semana anterior.

Dia 10 de setembro

1ª Turma (81): realização da prova prática. Os meninos que participam do treino de futsal, organizado pela professora no horário do meio dia, foram direcionados para a quadra, se organizaram e ficaram jogando futsal. O restante da turma se dirigiu para a rede de vôlei para fazer a prova prática de toque. A professora solicitou que a turma se organizasse em duplas, deu algum tempo para que todas as duplas treinassem e aquecessem antes da prova. Na prova prática solicitou que cada dupla tentasse trocar no mínimo 10 passes, cada dupla tinha três tentativas, a professora registrava a de número maior. Nenhuma das duplas conseguiu atingir os 10 toques. A maioria das meninas que estavam fazendo a prova reclamou que não sabiam jogar, reclamou que “nem na seleção elas fazem 10 passes direto”, e a professora argumentou que todas tiveram tempo de treinar, algumas justificaram que não gostam de jogar vôlei e a professora comentou que não gostam de jogar nenhum esporte e de realizar nenhuma prática. Finalizando as duplas a professora deu um tempo livre depois organizou a turma para retornarem para a sala. Perguntei à professora sobre a avaliação dos meninos que ficaram jogando futsal e não fizeram a prova de passes/toque do vôlei, e ela explicou que o que ela considera importante é que os alunos pratiquem/realizem alguma atividade e que a única maneira que fazer com que as meninas participem é cobrando na avaliação, como os meninos já praticam futsal e se disponibilizam a treinar fora do horário de aula ela considera a avaliação, prática, deles como positiva.

2ª Turma: aula prática. A professora explicou que essa turma já havia realizado a prova prática, então decidiu deixar a aula mais livre, alguns meninos se organizaram para o futsal, alguns meninos e meninas montaram trios para o vôlei, algumas meninas optaram por jogar 3 corta e algumas meninas ficaram conversando. Durante a aula a professora ia dando algumas sugestões aos que

estavam jogando vôlei, como forma de toque, posicionamento dos pés, etc. A professora informou que nas próximas semanas começará a desenvolver/trabalhar o saque do vôlei, com o intuito de que as turmas consigam começar a jogar mais próximo da realidade do vôlei.

Após a observação dessas duas aulas a professora explicou que seria o mesmo conteúdo nas outras turmas. Então optei por não acompanhar as próximas turmas por considerar que, na questão da avaliação, não teria muito a acrescentar. Me dirigi à supervisora pedagógica para saber da possibilidade de acompanhar o conselho de classe na próxima semana, ela me encaminhou para a coordenadora, que me explicou que este conselho será bem diferente dos outros, pois tem o objetivo de tentar criar estratégias para auxiliar o desenvolvimento que alunos específicos, que vem acumulando notas baixas/vermelhas neste trimestre e no anterior, de forma a buscar uma solução para o trabalho com estes alunos no próximo trimestre. Então me autorizou a acompanhar o conselho na próxima semana. Aproveitei para perguntar se eu poderia ter acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola e ela me informou que o documento se encontra reestruturação/reconstrução, que talvez não consigam finalizar até o fim do ano, mas comunicou que se possível poderei acessá-lo.

Dia 17 de setembro

Conselho de classe dos 8^{os} anos

- Alunos que estavam com nota vermelha em até 2 disciplinas a diretora orientava que os próprios professores conversassem diretamente com os alunos para tentar resolver as dificuldades.
- Alunos com nota vermelha em 3 ou mais disciplinas a diretora colocava observação de chamar os responsáveis para conversar.
- Os professores falaram bastante sobre o comportamento e as atitudes dos alunos, levantaram questões familiares que os alunos poderiam ou estavam passando.
- Tentaram analisar o porquê da queda da nota de alguns alunos do 1^o Trimestre para o 2^o Trimestre, sugeriram alternativas como deixá-los mais próximos da mesa da professora, separá-los de outros alunos que poderiam estar prejudicando a concentração, etc.

- Pude observar, a partir dos comentários das professoras, que muitos alunos que estavam com bastante dificuldade de relacionamento e de aprendizagem em outras disciplinas (principalmente inglês, português e matemática) tinham um comportamento ótimo e notas muito boas em Educação Física e por vezes isso foi colocado pela professora de Educação Física.

5.6 DIÁRIO DE CAMPO ESCOLA 2

ESCOLA ESTADUAL

1. Aproximação e contato com o campo

Fiz contato no dia 10 de setembro com a Escola Estadual 2, conversei com a supervisora pedagógica, que aceitou prontamente a realização da pesquisa, comunicou que, pela manhã, o único dia disponível para as observações de aulas de educação física do ensino fundamental será nas quartas-feiras, com uma turma de 8º ano. A supervisora informou que na quarta (dia 11) não seria possível iniciar, pois as turmas estariam realizando Provão, então agendamos para a próxima quarta-feira (dia 18 de setembro) pela manhã, ficando em aberto apenas o horário, pois poderia haver alterações nos períodos até o fim da semana, então ficou combinado que confirmaríamos o horário na sexta-feira (dia 13 de setembro). No dia indicado entrei em contato com a escola e fui informada que estava tudo certo para a realização das observações e que poderia começar a partir da quarta seguinte (18 de setembro).

Observações

Aula dia 18 de setembro

Chegando à escola me dirigi à direção e aguardei por alguns minutos a supervisora que logo chegou e me apresentou à professora de Educação Física, neste momento a professora estava se deslocando com a turma (8º ano) da sala para a quadra. A escola dispõe de 2 quadras poliesportivas abertas, em uma ocorria a aula deste 8º ano e na outra a aula do ensino médio com outra professora.

A turma tem 2 períodos de Educação Física por semana, sendo os 2 seguidos nos primeiros horários da manhã. O objetivo da aula foi trabalhar os fundamentos básicos do futsal, primeiro foi realizado o alongamento, em seguida a professora realizou atividades coletivas, de forma lúdica, para desenvolver os fundamentos de passe e condução, quase toda turma participou das atividades, algumas poucas meninas ficaram sentadas. No último momento da aula a professora liberou a turma

para organizar times para jogar futsal, neste momento só os meninos participaram e as meninas ficaram sentadas.

A professora comentou que a escola oferece bastantes materiais, mas que ela também traz alguns materiais de casa, para poder possibilitar a realização de tarefas mais diversificadas.

A professora explicou que faz avaliação em todas as aulas, faz aulas teóricas, provas, mas que não gosta muito de propor trabalhos escritos, pois acredita que os alunos farão apenas um recorte da internet e não terão nenhum aprendizado. Neste momento ela está avaliando a participação, a realização e a compreensão das tarefas relacionadas aos fundamentos do futsal. Colocou que quem não participa das aulas práticas deve realizar uma prova física (abdominal, apoio, etc).

Obs.: Nas duas semanas seguintes não houve aula, desta turma, em função dos conselhos de classe.

Aula dia 09 de outubro de 2013

Antes de iniciar a aula a professora veio até mim e explicou que nesse dia a aula seria mais livre porque os alunos haviam ficado muito tempo sem aula em função dos conselhos e das provas.

Os meninos dividiram os times e se organizaram para jogar futsal.

Algumas meninas pediram a bola de vôlei, montaram a rede e se organizaram para jogar. Havia poucas meninas para jogar, a professora tentou incentivar e motivar o restante da turma a participar de alguma atividade, mas não deu resultado, então a professora participou do jogo para fechar os times, assim, formaram-se trios. No início a professora deixou que as alunas jogassem e se organizassem sozinhas, sem orientação, após perceber as dificuldades começou a interferir dando dicas sobre saque, sobre posicionamento para fazer a recepção. Após essas instruções, percebendo ainda a dificuldade das alunas a professora incluiu a possibilidade de a bola quicar uma vez antes de realizar o passe, a partir daí o jogo ocorreu de forma mais fluída, pois até então os pontos haviam sido apenas de ICE, não havendo contra-ataque. Sempre que as meninas conseguiam realizar uma recepção ou um contra-ataque a professora elogiava e buscava motivá-las. Em seguida entrou mais uma menina para um time e um menino para o outro. A professora aproveitou para

sair e acompanhar o jogo de futsal. Aos poucos as meninas foram desistindo do jogo, as poucas que ficaram decidiram jogar “três corta”.

Após observar um pouco o jogo dos meninos a professora entrou em um dos times, participou do jogo por algum tempo e aproveitava para dar instruções de posicionamento, e fazer correções, mas sempre incentivando e elogiando quando os meninos faziam uma boa jogada. Após participar um pouco do jogo a professora saiu do jogo e foi conversar com as alunas que estavam paradas.

Assim que a aula terminou me dirigi à direção, conversei com a Supervisora Pedagógica sobre a possibilidade de conseguir uma cópia do Projeto Político Pedagógico da escola, então ela se dispôs a enviá-lo por e-mail.

Aula dia 16 de outubro de 2013

Em função de não ter recebido o PPP da escola como havia sido combinado, antes de iniciar a observação da aula me dirigi à sala da Supervisora que, na hora me enviou, não apenas o PPP, mas também o Provão de Códigos e Linguagens dos anos finais.

A aula era destinada a realização dos testes físicos, a professora chamava duplas ou trios para realizarem a prova. A bateria de testes foi feita em forma de circuito (alongamento, abdominal, corrida e deslocamento resistido). A primeira parte do teste é a apresentação de uma sequência de movimento de alongamento, escolhida pelos alunos, onde estes devem explicar quais músculos estão sendo alongados. Na sequência a professora realiza um teste aeróbico (corrida), e para finalizar um teste de força. Durante toda a bateria a professora incentivou os alunos a realizarem o seu máximo, na corrida salientou várias vezes que fizessem as voltas dentro do seu limite, do seu ritmo. Alguns testes foram repetidos aumentando o grau de complexidade. Durante esta aula uma dupla e um trio realizaram o teste, o restante está programado para as próximas aulas. Após a observação da aula a professora concedeu a entrevista, então nos dirigimos para uma sala vazia, onde seria mais calmo para a realização da mesma.

5.7 ENTREVISTA PROFESSORA A

Transcrição Entrevista Professora A

Entrevistadora- Professora, fala um pouquinho sobre a tua formação, onde foi, há quanto tempo.

Professora- Me formei em julho de 1983 no IPA, foram três anos de formação mais meio ano de estágio, logo em seguida eu fiz especialização em Educação Física escolar e pré escolar, trabalhei nessa área logo que me formei, eu trabalhava no Banrisul, daí passei no concurso do estado, daí fui nomeada, daí pedi demissão do banco, saí correndo, porque eu queria era trabalhar, queria era dar aula né, eu assumi nessas séries iniciais na segunda matrícula, seria para Ensino Médio, mas como tinham poucas escolas eles nomearam muita gente, então eu trabalhei cinco anos com 3ª e 4ª série, e é maravilhoso, pra mim é o trabalho que mais rende. Naquela época eu tava com todo pique, com toda energia, recém formada, querendo trabalhar, foi muito bom. Agora, parece que no município eles querem colocar a Educação Física nas séries iniciais, tomara que consigam, porque se pegarem gente querendo trabalhar com essas séries, com certeza é o mais difícil, porque as crianças vêm com toda energia, toda vitalidade e tu tem que direcionar eles, o tempo todo, não dá pra deixar eles simplesmente soltos como é a maioria aí, então o pessoal tem que estar habilitado, preparado para o que vai enfrentar, na minha opinião.

N- Aham, e quanto tempo faz que a Sr.ª trabalha aqui pela prefeitura de Viamão?

P- Aqui fazem oito anos.

N- Aham, e aqui na escola é só a Sr.ª que trabalha com a Educação Física?

P- Não, eu sou da parte da manhã, oitavos e nonos anos, e de tarde tem a professora Sandra que é de sexto e sétimo.

N- E como é que funciona o planejamento das aulas? Tem algum plano de estudo da disciplina?

P- Tem, a gente se reúne, faz o planejamento e daí cada uma aplica a sua parte né, até, agora nós tivemos que fazer, entreguei ontem o planejamento para 2014. Só que nós temos a questão, como tu sabe, daquela obra lá, as condições estão muito precárias, inclusive quando eu entreguei o planejamento eu coloquei que só é viável no momento que concluírem as obras né, que a gente tiver as instalações adequadas, que atualmente a gente não tem nada.

N- Claro, e professora, o que a Sr^a trabalhou esse trimestre?

P- Ah, nas aulas teóricas eu trabalhei com as regras do xadrez, que eu aprendi naquele curso de formação, trabalhei com eles a questão do alongamento, pra que serve, até dei um texto sobre alongamento e um outro sobre os conhecimentos da Educação Física. E na prática a gente ta trabalhando com o vôlei, com o toque e o passe.

N- Sim, e a avaliação, ela está presente no plano de estudos? Como é organizada?

P- Aparece, claro, nós fizemos juntos, com todos os colegas e a Direção uma normativa, e depois cada um adéqua com seu conteúdo, o nosso da Educação Física, a gente faz a parte teórica, a prova teórica, que eu já te mostrei, tem que deixar a prova com a Supervisora; tem a parte prática, tem a parte de trabalhos e ou caderno e tem a avaliação que eu faço questão de fazer, que é referente à roupa adequada, à participação, à frequência, então onde engloba assim o que o aluno desenvolve no dia, qual é o interesse dele, então são várias partes, claro que ela é mensurada através de uma nota, então tu divide, se o trimestre vale 30, cada coisa tu dá uma nota, depois soma tudo, é uma questão matemática, como eu disse pros alunos, infelizmente tudo vale uma notinha, depois soma tudo e faz a média final.

N- Sim, e professora, no teu entendimento, pra que serve a avaliação na Educação Física escolar, qual a função da avaliação na escola?

P- Tem que dizer a verdade? (risos). Ai, eu acho, na minha visão meio louca, a avaliação pra nós da Educação Física deveria ser assim no dia a dia, tu pede pro aluno fazer, demonstrar, e aí tu vê se o aluno progrediu ou não né, mas não é assim, a gente sabe que todo mundo tem que cumprir uma partezinha, então a gente tem que fazer toda essa metodologia, tem que fazer a prova teórica, tu tem que olhar o caderno, tudo, e os alunos estão tão condicionados que tudo tem que valer nota senão “ah, então eu não vou fazer” “eu não preciso fazer”. Então a coisa é sintomática já, tu tem que dar uma nota se não eles não fazem.

N- Aham, então a avaliação é orientada por essa diretriz feita aqui na escola, tem mais algum documento que vocês usam para orientar a prática avaliativa?

P- Tem, tem o PPP da escola, tem as leis do município, tem as leis máximas do país, tudo isso aí são normas que vem e a gente tem que se adequar.

N- E pra realizar essa avaliação a Sr.^a encontra alguma dificuldade?

P- Não, no momento que tu define como vai ser daí tu já prepara o material, prepara a prova, a gente tem uma tabela e aí tu vai colocar cada item da tua avaliação e daí é a matemática.

N- Aham, e a gente tinha conversado um pouco, durante as observações, sobre a avaliação dos meninos que jogam no time, como fica a avaliação prática deles sobre o conteúdo do vôlei?

P- Não, é que eles não participaram naquele momento, mas eles também fazem as provas práticas, tanto que agora eu to trabalhando mais o desenvolvimento do jogo, to trabalhando o saque, vou fazer uma prova de saque com todo mundo, e todos vão fazer. É que justamente naquele momento que tu veio observar eles não estavam participando, mas não é só a parte recreativa, eles participam também.

N- Então ta Prof. acho que por enquanto é isso, se faltar alguma coisa eu retorno pra gente conversar mais. Foi um prazer observar suas aulas...

P- Eu que agradeço a tua participação, se eu pude contribuir com alguma coisa é ótimo.

N- Eu agradeço muito por poder ter convivido durante esse tempo aqui, ter observado as aulas, o dia a dia da escola.

P- A realidade né?! Eu acho que é muito importante pra vocês, porque eu quando saí da faculdade eu tinha uma ideia totalmente diferente da realidade, porque eu fiz a faculdade particular, daí fui fazer estágio no Americano, colégio particular, com salas, quadras, materiais, aluno uniformizado, tudo bonito, tudo perfeitinho, tudo funciona, aí depois te jogam escola pública, fui pro estado, que não tinha nada, era areão puro, eu tive que montar quadra, fazer, colocar tijolinho um do lado do outro pra montar uma quadra de futebol, outra de vôlei, sabe?! Tudo que tu queria tu tinha que fazer na escola, depois de anos é que foram fazer uma quadra polivalente, então a realidade é outra totalmente diferente, vocês agora são obrigados a fazer o estágio em escola pública, então vocês estão convivendo com a realidade.

N- Então ta Prof. muito obrigada.

5.8 ENTREVISTA PROFESSORA B

Entrevistadora- Oi Prof., me fala um pouquinho sobre a tua formação, quanto tempo faz que tu ta formada.

Professora- Eu me formei em 2005 na PUC, a segunda turma de Educação Física que se formou no curso lá foi a minha. Eu curti toda a minha graduação porque foi bem na época que a PUC começou a investir na parte da EF, no prédio novo, então eu peguei muita coisa que vinha em construção e daí eu aproveitei muito. Depois eu fiz um pós lá na PUC mesmo, aí eu ganhei um desconto de atleta, fiz pós em tecnólogo em futsal, treinamento desportivo né e me formei em 2007.

N- Aham, e desde então tu ta trabalhando aqui nesta escola?

P- Não, eu trabalhei quatro anos em outras mil coisas que não eram EF, depois que eu me formei porque a área não é assim, e eu sempre quis ser professora, eu fiz licenciatura e bacharelado, mas eu sempre quis ser professora, e eu queria ser professora do Estado, me inscrevi, fiz concurso em 2005, passei, só que a Yeda nunca chamou ninguém, então logo depois me chamaram por contrato e eu to desde 2008 no contrato.

N- Ta, entrando um pouquinho mais específico na EF aqui na escola, como ela é estruturada/organizada?

P- O ideal é que tivesse uma coisa mais coletiva né?! Pra gente poder trabalhar com as turmas bem direitinho, com as faixas etárias, iniciação, essas coisas. Mas como o Estado não tem essa organização e por exemplo eu dou aula em três escolas, e aqui nessa escola tem mais quatro professores de EF a gente mal se encontra, mal se vê, cada um tem um horário, é uma vida louca, então a gente vai meio no bom censo né?! pra fazer o trabalho, sabemos, de acordo com o Projeto da escola, o que devemos trabalhar e a gente vai em cima disso organizando as aulas de forma coerente, pra que não vire o ano o outro professor pegue a minha turma e eles não tenham noção do que ele ta falando.

N- Sim, e quando tu vai introduzir um conteúdo, um tema novo, como funciona?

P- Então, eles são super agitados, eles já demoram pra se organizar, só pra chamada já são quinze minutos, tu leva muito tempo pra fazer muito pouco, mas eles absorvem bem, às vezes eles são muito resistentes quando tu vai mudar de conteúdo, quando tu vai dar alguma coisa que eles não gostam. Hoje eu faço diferente do que eu fazia quando eu entrei, porque eu preparava toda uma aula, com textos pra iniciar o conteúdo, porque eu achava interessante, mas pra eles não é interessante, porque eles já têm textos e mais textos de outras disciplinas, então hoje eu mudei e eu tento ser o mais objetiva possível, “futebol é isso e aquilo e aquele outro e deu” e tento puxar pela memória, tento colocar imagens legais, e vamos pra prática, vamos pro lúdico, depois vamos pra parte mais técnica. Então eu começo com o lúdico pra dar uma descontraída, sempre que eu trabalho com esporte eu tento trabalhar atividades bem lúdicas, pra que eles peguem o gosto, se interessem, e depois eu entro na parte técnica que é mais chata, mais repetitiva e que eles provavelmente vão ter mais dificuldade.

N-Ta, e quanto à avaliação, tem algum documento que orienta como ela deve ser realizada?

P- Em cada escola tem o seu próprio regimento né!? de como deve ser a avaliação. Aqui na escola a gente trabalha com 50% da nota é de participação, e atividades que tu executa, e 30% é do Provão, que todas as turmas fazem no final do trimestre, então tem que ter aula teórica, tem que ter atividades mais de teoria, porque o Provão é teórico, é escrito é objetivo, já pra eles terem uma noção, daqui a pouco tem ENEM, tem vestibular, pra eles terem um pouco dessa pressão porque EF são só três questões, mas é 30% da nota, então se eles errarem daí eles tem só 70% pra recuperar em sala.

N- E esses 70% que ficam contigo, como é que tu administra eles?

P- Eu administro... é que é muito difícil tu trabalhar no Estado, porque na escola particular tu pode cobrar uniforme, e participação, aqui não, tem uns que não tem tênis, outros que não tem calça de abrigo, só tem calça jeans, então eu trabalho em cima disso, até pra eles terem mais interesse, 10% da nota é de uniforme, marco toda aula quem veio com roupa adequada, 10% de participação, porque senão tem sempre um, porque eu trabalho com adolescente, sempre tem um que não quer participar, daí vai passando o tempo e nunca faz nada, mesmo que eu dê atividade

livre, “hoje é recreação” se eles não querem participar eles não participam, daí eles mesmos vão administrando, “eu participei quantas aulas”, “ não participei nenhuma”, eles sabem que não vão ter aquela nota. E o resto eu trabalho por aula, aulas práticas valendo nota, uma avaliação física por trimestre, até porque eles tem que estar sempre em movimento, até porque eu to trabalhando EF, então o mínimo que eles tem que ter é aptidão pra correr, caminhar, fazer esse tipo de atividade, então uma nota é dessa outra nota é do esporte que eu vou estar trabalhando no trimestre, por exemplo agora é futsal, então eu dou umas três, quatro aulas de futsal e eles estão sendo avaliados pela participação, pelo interesse pela, pelo arreganho, pela qualidade de movimento, entendeu? Porque eu não posso obrigar eles a ter um ótimo desempenho, mas eu posso fazer com que eles se interessem e queiram melhorar, e é isso.

N- Aham, e hoje a aula era o teste?

P- Sim, sim

N- E tu poderia me explicar um pouquinho mais sobre o teste, qual era o objetivo?

P- O objetivo é ver a observação das aulas, porque eu dou muitas aulas, então o objetivo é saber o que eles observaram, daí eu avaliei o alongamento deles, eles puxaram o alongamento, porque toda aula eu faço alongamento, então o mínimo que eles tem que saber é saber qual o movimento que eles tão fazendo e o que eles estão alongando. Eu pedi dez exercícios, independente de ser membros inferiores ou membros superiores, eles puxavam e me mostravam, eu ia corrigindo o que tava errado e o que não tava, alguns fizeram perfeito outros como ficam de arreganhm não prestam atenção, daí não sabem o que fazer, daí, já perderam nota, depois entrei na parte cardiovascular né, trabalhei um pouco de corrida, umas voltas na quadra, nada muito extenso, eu fiz várias séries de cinco, seis voltas, pra não ficar cansativo e monótono, trabalhei abdominais, porque a gente já vem trabalhando desde o primeiro trimestre, séries de abdominais, polichinelo, e fiz um trabalho de força com o elástico extensor, com as gurias eu não vou fazer esse trabalho de força, vou fazer mais diversificados os exercícios de local, até porque elas são mais desleixadas então é mais complicado trabalhar com elas, elas são mais resistentes, mas com os gurus eu trabalho mais porque eles já tem quinze, dezesseis anos e a

maioria ali faz atividade fora da escola, então se eu deixar um nível muito a baixo eles não tem interesse, a maioria faz academia, outros fazem judô, tem uns três ou quatro que são atletas do Grêmio ou do Tamoio, então tem que deixar um nível muito alto pra eles terem interesse de participar.

N- Aham, e dentro disso tem um ponto ou um número X que eles têm que atingir?

P-Sim, eu estipulo duas séries, e aí dentro disso eles que vão me dizendo “de um à dez quanto tu ta cansado” e nisso eu vou avaliando também, até pra ele ter uma noção de onde anda o sedentarismo dele, porque ele ta vendo o outro colega participar, eles não são bobos, eles são bem críticos, “se o outro aguenta vinte minutos correndo ou pulando e eu nos primeiros cinco já to dizendo que to cansado no nível dez tem alguma coisa errada”, tipo tem que dar um incentivo pra eles da promoção do esporte e da atividade física, porque a gente ta trabalhando com 8º ano, não é 5º ano que eles tão recém começando, que eles não tem noção, que é aquela correria desenfreada, aquele desespero, e é mais ludicidade, não eles já tão no 8º ano, eles já são adolescentes, eles já participam de outras atividades extracurriculares, então eles tem noção do que eles estão fazendo.

N- Sim, e que peso que teria esse teste de hoje na avaliação deles?

P- Ah, o teste de hoje tem peso vinte, até porque é uma prova extensa, vou levar várias aulas pra fazer com todos, então é uma coisa mais direcionada, individual, então é um momento que o aluno tem que me mostrar que ele participou que ele ta interessado que ele sabe o que ta fazendo.

N- Aham, e a questão da avaliação teórica fica toda pelo Provão?

P- Não, eu trabalho em sala de aula com o esporte, as regras, alguma coisa de tática, muito pouco porque fica muito complicado trabalhar o tático nesse pouco tempo que eu tenho, dois períodos por semana, é pouquíssimo e não dá tempo, a turma é muito grande, então eu acabo trabalhando mais a parte de fundamentos e regras na sala, mas nada muito assim, até porque eles já vem desde a quinta série trabalhando, isso é ruim no currículo é isso, fica muito vôlei, handebol, basquete, futebol, então como eles já vem trabalhando há muito tempo alguns já vão perdendo o interesse. Eu relembro, a gente faz atividade em sala, a gente trabalha com

questionários, com vídeos também, algumas coisas do YouTube, como o impedimento por exemplo, que é muito difícil de explicar pras gurias, já foi uma coisa difícil pra mim entender, foi difícil pra ti, porque os guris desde que aprenderam a andar já jogam o futebol. Aí o que eu trabalho, pouca coisa em sala, mas eu to preparando eles pro provão, porque essa parte teórica vai ser cobrada só no provão mesmo. Mas quanto mais eu puder levar eles pra rua melhor, porque a gente só tem um encontro por semana, então quanto mais atividades na rua eu der pra eles poderem criar gosto pela atividade melhor.

N- Sim, tu já falou um pouquinho, mas quais as dificuldades que tu vê de colocar a avaliação em prática?

P- É complicado, na escola, porque o pouco tempo que tu tem com as turmas, só dois períodos, as turmas muito extensas, quarenta e cinco a quarenta e nove alunos, então é difícil de tu chegar no aluno, entendeu?! Porque tu tem uma turma muito extensa, então tem uns quinze ou vinte que tu consegue ter um convívio direto, os outros é muito rápido, tu da uma nota, tu avalia, mas as vezes tu não consegue tocar aquele aluno, não consegue ver as individualidades, as dificuldades de cada um. Isso é muito frustrante, tu passar um semestre todo e tu acaba sendo só um avaliador, não consegue motivar aquele aluno, até porque as vezes eles não estão receptivos a isso. É complicado quando tu trabalha com pessoas, porque tu precisa de tempo.

N- Então prof., acho que por enquanto é isso, qualquer coisa eu volto a entrar em contato contigo. Muito obrigada.

6. ANEXOS

6.1 PROVA 1 ESCOLA 1

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL

PROVA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - PROFS

- DATA _____

NOME DO ALUNO _____ TURMA _____

COMPLETE:

- 1- O XADREZ é um jogo de raciocínio, realizado por duas pessoas que se enfrentam diante de um _____. É um jogo muito antigo, provavelmente criado na Índia, com o nome de _____.
 - 2- As atividades físicas, os jogos, os esportes e a dança são meios utilizados pela Educação Física para atingir a sua meta que é _____.
 - 3- Os exercícios físicos auxiliam o _____ e reduzem o nível de estresse, entre outros fatores benéficos para a saúde das pessoas.
 - 4- As peças do xadrez andam em três direções: vertical, _____ e _____.
 - 5- As peças _____ sempre iniciam a partida.
- Marque a resposta correta:
- 6- O jogador tem, no início do jogo, seus peões sempre na

a) 5ª FILEIRA	c) 8ª FILEIRA
b) 1ª FILEIRA	d) 2ª FILEIRA

RESPONDA:

7- Onde vou usar os conhecimentos sobre Educação Física?

8- Explique a expressão "Peça tocada é peça jogada".

9- 10- Escolha uma peça do xadrez, desenhe, explique sua movimentação e valor.

6.2 PROVA 2 ESCOLA 1

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL

PROVA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - PROFS

- DATA _____

NOME DO ALUNO _____

TURMA _____

ESCOLHA V (VERDADEIRO) OU F (FALSO)

- 1- () CONSIDERA-SE "BOLA FORA" quando ela toca uma das linhas da quadra.
- 2- () O alongamento ajuda a evitar lesões e melhorar a postura, devendo ser feito antes de jogos e lutas e exercícios de musculação.
- 3- () Para vencer um jogo de vôlei a equipe deve vencer 3 SETS.

COMPLETE:

- 4- A quadra de vôlei é um retângulo medindo _____, onde duas linhas laterais e duas linhas de fundo delimitam a quadra.
- 5- Uma equipe é constituída de no máximo _____ sendo que cada equipe deve ter sempre _____ na sua quadra de jogo.
- 6- A bola é colocada em jogo com um _____ autorizado pelo árbitro.

7- O que é ^{Responda:} alongamento?

8- Explique o que é e porque acontece o TIE BREAK.

9- 10 - Desenhe uma quadra de voleibol, identificando suas linhas e ZONAS.

NO VERSO →

6.3 PROVÃO ÁREA CÓDIGOS E LINGUAGENS ESCOLA 2

CÓDIGOS E LINGUAGENS – 81 E 83 – 1º TRI

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto e responda as questões 1 a 5.

Por que algumas aves voam em bando formando um V?

Elas parecem ter ensaiado. Mas é claro que isso não acontece. Quem nunca viu ao vivo, já observou em filme ou desenho animado aquele bando de aves voando em "V". Segundo os especialistas, esta característica de voo é observada com mais frequência nos gansos, pelicanos, biguás e grou. Há duas explicações para a escolha dessa formação de voo pelas aves. A primeira consiste na economia de energia que ela proporciona. Atrás do corpo da ave e, principalmente, das pontas de suas asas, a resistência do ar é menor e, portanto, é vantajoso para as aves voar atrás da ave dianteira ou da ponta de sua asa. Ou seja: ao voarem desta forma, as aves poupariam energia, se esforçariam menos, porque estariam se beneficiando do deslocamento de ar causado pelas outras aves. Isso explicaria, até, a constante substituição do líder nesse tipo de bando.

Essa é a primeira explicação para o voo em "V". E a segunda? O que diz? Ela sustenta que esse tipo de voo proporcionaria aos integrantes do bando um melhor controle visual do deslocamento, pois em qualquer posição dentro do "V" uma ave só teria em seu campo de visão outra ave, e não várias. Isso facilitaria todos os aspectos do voo. Os aviões militares de caça, por exemplo, voam nesse mesmo tipo de formação, justamente para ter um melhor campo de visão e poder avistar outros aviões do mesmo grupo. Essas duas explicações não são excludentes. É bem possível que seja uma combinação das duas o que torna o voo em "V" favorável para algumas aves.

(NACINOVIC, Jorge Bruno, Por que algumas aves... Ciência Hoje das Crianças, Rio de Janeiro, n. 150, set. 2004.)

Questão 01

Bandos de aves e aviões militares de caça têm em comum

- A) o objetivo de economizar energia.
- B) a necessidade de ter um bom campo de visão.
- C) a preferência por voos longos.
- D) a substituição permanente do líder.
- E) o objetivo de não ficarem isolados.

Questão 02

Segundo o texto, as aves poupam energia voando em “V” porque

- A) são beneficiadas pelo deslocamento do ar causado pelas aves da frente.
- B) podem se ajudar mutuamente durante longos percursos.
- C) podem obter melhor controle visual do deslocamento.
- D) têm o instinto de sempre seguir o líder do bando em seu itinerário.
- E) se acostumaram a voar assim.

Questão 03

Pode-se afirmar que o texto

- A) conta uma história curiosa e divertida sobre pássaros.
- B) defende uma ideia sobre uma questão científica.
- C) explica os movimentos das aves com base em informações científicas.
- D) noticia uma descoberta científica ultrapassada sobre o voo das aves.
- E) mostra uma hipótese de que voar em V pode ser melhor para os aviões.

Questão 04

O texto tem como tema um aspecto particular da vida de algumas aves:

- A) a economia de energia.
- B) o modo de voar.
- C) a semelhança entre elas e os aviões.
- D) o formato das asas.
- E) voam assim por serem parecidas.

Questão 05

“Isso explicaria, até, a constante substituição do líder nesse tipo de bando.”

Com base no texto, conclui-se que o líder é substituído constantemente porque essa posição...

- A) é cobiçada por todas as aves do bando.
- B) é a mais importante do grupo.
- C) é só para líderes.
- D) proporciona melhor controle visual.
- E) consome muito mais energia.

Questão 06

Assinale a alternativa que completa as lacunas da frase abaixo, na ordem em que aparecem.

“Não _____ mais nada _____ fazer.”

- A) a - a
- B) há - há
- C) há - a
- D) a - há
- E) Nenhuma das alternativas anteriores.

Questão 07

(UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente mas/mais/mal/mau:

Pedro e João,-----entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um momento ----- para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; ----- seus dois irmãos deixaram os pais ----- sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

- A) mau – mal – mais – mas
- B) mal – mal – mais – mais
- C) mal – mau – mas – mais
- D) mal – mau – mas – mas
- E) mau – mau – mas – mais.

Questão 08

Assinale a alternativa que completa as lacunas da frase abaixo, na ordem em que aparecem.

“O Brasil de hoje é diferente, _____ os ideais de uma sociedade _____ justa ainda permanecem.

- A) mas - mas
- B) mais - mas
- C) mas - mais
- D) mais - mais
- E) mas - más

Questão 09

Assinale a alternativa cujas palavras completam corretamente as frases a seguir.

Nunca sei _____ te achar.

Fui visitar a cidade _____ morei durante três anos.

_____ você quer ir.

Não sei _____ irei em minhas próximas férias.

- A) onde – onde – onde - onde
- B) onde – onde – aonde - aonde
- C) aonde – aonde – onde - onde
- D) aonde – onde – aonde - onde
- E) aonde – aonde – aonde – aonde

Questão 10

Assinale a alternativa correta.

Na palavra “**empedramento**”,

- A) o sufixo é ENTO
- B) o prefixo é EMPE
- C) o tema é pedra
- D) o radical é EMPED
- E) o tema é MENTO

Questão 11

A palavra farejando apresenta em sua estrutura:

- A) radical FAREJ – vogal temática A – tema FAREJA – desinência NDO
- B) radical FAR – vogal temática E – tema FAREJ – desinência NDO
- C) radical FAREJA – vogal temática A – sufixo NDO
- D) radical FAREJA – tema FAREJ – sufixo NDO
- E) radical FAR – vogal temática E – tema FARE – desinência NDO

Questão 12

Quanto à estrutura das palavras, é incorreto afirmar que:

- A) as desinências são morfemas que indicam as flexões das palavras variáveis da língua. São elas: nominais e verbais.
- B) as vogais temáticas atuam como elemento de ligação entre o radical e as desinências.
- C) radical é um morfema comum às palavras que pertencem a uma mesma família de significado.
- D) Afijos são elementos mórficos que juntamos ao radical para formar palavras novas.
- E) Os afijos classificam-se em vogal temática e tema.

Questão 13

Em “...conhecendo nosso medo...”, o vocábulo sublinhado apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:

- A) radical CONHECE – prefixo NDO
- B) radical NDO – tema CONHECE, vogal temática E – desinência NDO
- C) prefixo COM – radical CONHECE, vogal temática E – desinência NDO
- D) radical CONHEC – vogal temática E – tema CONHECE – desinência NDO
- E) prefixo CONHEC – radical NDO – vogal temática E – desinência DO

Questão 14

Considerando a forma verbal falaríamos, numere adequadamente, depois assinale a alternativa correta:

- (1) Radical
- (2) Vogal temática
- (3) Desinência modo-temporal
- (4) Desinência número-pessoal

- () ria
- () a
- () mos
- () fal

- A) 4 – 2 – 1 - 3
- B) 3- 4 – 2 - 1
- C) 3 – 2 – 4 - 1
- D) 2 – 1 – 4 - 3
- E) 1 – 2 – 4 - 3

Questão 15

Assinale a opção em que nem todas as palavras possuem o mesmo radical:

- A) noite, anoitecer, noitada;
- B) luz, luzeiro, alumiar;
- C) descrer, crente, crer;
- D) festa, festeiro, festejar;
- E) riqueza, ricaço, enriquecer.

LÍNGUA INGLESA**Questão 16**

“She didn’t.....the man from going into the store”.

O verbo que completa a frase, no simple past, fica:

- A) Stopped
- B) Stop
- C) Stoped
- D) Stoed
- E) n.d.a

Questão 17

Passando as palavras *brush*, *dry* e *gain* para o simple past, temos:

- A) Brushed, Dried, Gained
- B) Brush, Dried, Gained
- C) Brush, Dried, Gained
- D) Brushed, Dried, Gained
- E) Brushed, Dried, Gained

Questão 18

O Simple Past é usado para:

- A) Falar uma ação que começou no passado e segue até o momento
- B) Falar sobre uma ação que será feita no futuro
- C) Falar sobre uma ação que começou e terminou no passado
- D) Falar sobre uma ação sem distinguir em que tempo ela ocorreu
- E) n.d.a

Questão 19

Passando a frase “A big explosion destroyed several houses in the village” para a forma negativa do Simple Past, temos:

- A) A big explosion not destroyed several houses in the village
- B) A big explosion did not destroy several houses in the village
- C) A big explosion did destroyed several houses in the village
- D) A big explosion did not destried several houses in the village
- E) A big explosion did not destroyied several houses in the village

Questão 20

“A bus against the house and an old lady.”

A alternativa que preenche corretamente, no passado, a frase acima é:

- A) crash - kill
- B) crashes - killed
- C) crashed - kills
- D) crashes - killes
- E) nenhuma das alternativas anteriores

Questão 21

Passando a frase “She arrived late yesterday” para a forma interrogativa do Simple Past, temos:

- A) Did she arrive late yesterday?
- B) Did she arrived late yesterday?
- C) Did she arrives late yesterday?
- D) She arrived late yesterday?
- E) She arrive late yesterday?

Questão 22

Os verbos ignore, intend e erase, no simple past ficam:

- A) ignored, intendied, erased
- B) ignore, intendied, erased
- C) ignored, intended, erasiad
- D) ignored, intendies, erasiad
- E) ignored, intended, erased

ARTES**Questão 23**

Enumere o parâmetro sonoro de acordo com sua propriedade:

Parâmetro Sonoro	Propriedade
1- Altura	() Identidade Sonora
2 - Intensidade	()Curto ou Longo

- 3 - Duração () Grave ou Agudo
4 - Timbre () Suave (fraco) ou Forte

- A) 3-2-1-4
B) 3-1-4-2
C) 4-3-1-2
D) 4-2-3-1
E) 2-3-4-1

Questão 24

A divisão fixa do tempo em música é chamada de _____? Pode-se fazer analogia com a batida regular do coração.

- A) Ritmo
B) Velocidade
C) Pulsação
D) Melodia
E) Nenhuma das alternativas anteriores

Questão 25

Um dos elementos musicais é o _____, que indica a variação das durações. Muitas vezes utilizamos o nosso próprio corpo para fazê-lo.

- A) Timbre
B) Silêncio
C) Som
D) Pentagrama
E) Ritmo

Questão 26

Quando vários instrumentos estão tocando ao mesmo tempo, utilizando notas diferentes, estamos fazendo o elemento musical chamado:

- A) Intensidade
- B) Harmonia
- C) Melodia
- D) Dinâmica
- E) Nenhuma das alternativas anteriores

Questão 27

A produção do som está relacionado _____ das coisas. Que chega aos nossos ouvidos e é interpretado pelo nosso _____.

- A) Vibração – Sistema Nervoso
- B) Força – Coração
- C) Sistema nervoso - Vibração
- D) Vibração - Tímpano
- E) Frequência – Coração

EDUCAÇÃO FÍSICA**Questão 28**

Nas questões a seguir julgue os itens e escreva nos parênteses (v) se for verdadeiro ou (f) se for falso. Considerando o que aprendeu sobre o voleibol, julgue os itens.

- () O voleibol foi inventado em 1895 William G. Morgan, o desporto jogava-se com uma câmara da bola de basquetebol e foi chamado Mintonette.
- () A quadra de voleibol é dividida em zona de ataque e zona de defesa, a zona de defesa tem aproximadamente 9m.
- () O líbero é um jogador especializado em atacar.
- () Ao contrário de muitos esportes coletivos, tais como o futebol ou o basquete, o voleibol é jogado por pontos, e não por tempo.
- () A rotação é executada no sentido horário.

Todas estão corretas

- A) F F F V V
- B) V V F V V
- C) V F F V V
- D) F V F V V
- E) Todas estão corretas

Questão 29

Marque a alternativa correta:

- A) A partida de voleibol é dividida em três sets de 25 pontos.
- B) O líbero é um atleta especializado nos fundamentos que são realizados com mais frequência no fundo da quadra, isto é, recepção e defesa.
- C) O número de jogadores em quadra é determinado pelo técnico.
- D) O líbero não pode utilizar o uniforme diferente dos demais jogadores.
- E) Nenhuma das anteriores.

Questão 30

Sobre o líbero marque a alternativa incorreta

- A) O líbero deve utilizar uniforme diferente dos demais.
- B) Não pode ser capitão do time, nem atacar, bloquear ou sacar.
- C) Só pode realizar levantamentos de toque do fundo da quadra.
- D) O líbero só pode trocar somente com o capitão.
- E) Todas as alternativas estão corretas.